

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A NOVA CENA DA MÚSICA DE RUA NA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO**

ANDRÉ DA SILVA TUNIS DE VIRGILIIS

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A NOVA CENA DA MÚSICA DE RUA NA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/Jornalismo.

ANDRÉ DA SILVA TUNIS DE VIRGILIIS

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia A nova cena da música de rua na cidade do Rio de Janeiro, elaborada por André da Silva Tunis de Virgiliis.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Doutor em Letras pela Faculdade de Letras - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Paulo César Castro de Souza
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

DE VIRGILIIS, André Tunis.

A nova cena da música de rua na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral

DE VIRGILIIS, André Tunis. **A nova cena da música de rua na cidade do Rio de Janeiro**. Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar perfis, contextos, demandas e ideologias por trás dos músicos de rua que ocupam as ruas da cidade. Durante as pesquisas de campo ficou claro que há hoje uma nova cena na música de rua carioca, composta por artistas mais jovens que enxergam nossas ruas e praças com outro olhar. É o fim a interpretação do “público” como “de ninguém” em benefício do “de todos”. Para apoiar esta conclusão foram utilizados revisão bibliográfica, notas de campo, observação, entrevistas presenciais e via internet, aplicação de questionários e ampla pesquisa na web. O projeto inclui ainda um breve estudo fotográfico com objetivo de ilustração. Ao fim, são apresentadas algumas possibilidades que visam ao incentivo ao crescimento desta nova cena que promete contribuir muito para a construção da identidade de nossos espaços e de nossos cidadãos.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Elisabete da Silva Tunis de Virgiliis e Roberto Tunis de Virgiliis, por acreditarem e confiarem em mim. E por terem, sempre, cada um à sua maneira, me apoiado e sonhado esse e tantos outros sonhos ao meu lado. A maior parte de tudo que aprendi até hoje devo a vocês.

À vida e a todos os futuros sonhos e encontros que ela me reserva.

AGRADECIMENTOS

À toda minha família pelo suporte e carinho incondicionais.

A todos os meus amigos, da UFRJ ou não, que fizeram esta caminhada até aqui muito mais tranquila e divertida.

À Manuela Porto, grande companheira e parceira que me acompanhou durante quase todo o período na faculdade.

À professora Raquel Paiva e monitoras Ana Clara e Thais Barcelos pela paciência, auxílio e companheirismo nestes últimos meses de produção.

Aos professores Muniz Sodré, Paulo Cesar Castro e Cristiane Costa por acompanharem a construção deste trabalho.

A todos os colegas de trabalho que estiveram comigo desde 2008 até agora. Vocês me ensinaram muito da vida e de comunicação.

Aos professores, que muito antes da entrada na UFRJ, me acolheram e ensinaram boa parte do que me faz quem sou hoje. Em especial Marcus Vinicius, Lélío, Luiz Mauro e Regina Carvalho, grandes inspirações.

SUMÁRIO

- 1 INTRODUÇÃO**
- 2 A MÚSICA DE RUA NO MUNDO, NO BRASIL E NO RIO DE JANEIRO**
 - 2.1 Surgimento e breve revisão histórica**
 - 2.2 Comparação do cenário internacional e nacional hoje**
 - 2.3 A posição do Rio de Janeiro no cenário nacional**
 - 2.4 A nova “Lei do Artista de Rua” e seus efeitos no Rio de Janeiro**
- 3 A PRÁTICA**
 - 3.1 A relação com o espaço urbano público**
 - 3.2 A recepção do público**
 - 3.3 A relação com as autoridades**
 - 3.4 O convívio com os comerciantes**
 - 3.4 As recentes transformações na cidade e seus impactos na atividade**
- 4 OS ARTISTAS**
 - 4.1 Quem são eles – análise qualitativa e quantitativa**
 - 4.2 O início da transformação**
 - 4.2.1 Influência estrangeira**
 - 4.2.2 Fatores locais**
 - 4.2.4 Assimilação pelos artistas locais**
 - 4.3 Um panorama do cotidiano dos músicos**
 - 4.4 Objetivos pro futuro: sonhos e ambições**
 - 4.5 Condições de trabalho - maiores dificuldades**
- 5 DIAGNÓSTICO**
 - 5.1 Forças e fraquezas do movimento**
 - 5.2 Principais benefícios à sociedade**
 - 5.3 O papel do Estado no crescimento da música de rua**

6 CONCLUSÃO

7 BIBLIOGRAFIA

8 ANEXOS

8.1 Fotos

1 - INTRODUÇÃO

A inspiração para este trabalho veio de uma visita à cidade de Berlim. A grande diferença entre as ofertas de arte pública na capital, assim como em tantas outras no continente, e no Rio de Janeiro chamavam tanto a atenção quanto a originalidade das apresentações que aconteciam ali. Em uma praça antes desocupada fez-se um karaokê que todos os domingos de verão recebe milhares de pessoas. Fez-se não, foi feito. Feito por gente normal, que não quis esperar os outros, o governo, as empresas e resolveu executar ao invés de lamentar.

Além dos próprios artistas que utilizam às ruas como palco e tiram suas rendas dali como chefes de si próprios, muitas outras pessoas podem experimentar os benefícios da atividade. Uma cidade mais ocupada é mais segura, mais humana e tem seus habitantes mais identificados com o espaço e entre si. O movimento pode fomentar práticas econômicas periféricas, de ambulantes a gravadoras independentes, e assim gerar renda e impostos. Turistas podem aproveitar as apresentações, e o que não faltam são exemplos de cidades onde isso acontece. A alegria, como se por si só não fosse benefício suficiente, se espalha de encontro em encontro, todos proporcionados por essa nova antiga forma de música, a mais democrática e generosa que existe.

Mas então por que esse fenômeno não se repete no Rio de Janeiro? Afinal de contas o que não falta na cidade são amplos espaços ao ar livre – parques, praças, calçadões, orlas etc. –, o tempo é ameno durante os 12 meses do ano e nosso povo – assim como em todo o país – é acostumado à festa, cultura, música e alegria. Talento e músicos capazes é o que não falta e o público já nasce com gosto pela arte. Por que então? Essa é uma das perguntas sobre as quais este texto se debruça.

Até hoje pouco existe de informação sobre estes artistas. Não se sabe ao certo quem são, o que pensam, a razão por estarem ali... O governo não tem registro ou conhecimento sobre essas pessoas. Eles próprios não tem dimensão alguma do tamanho da cena, de quantos colegas dividem as ruas. Pareceu relevante e oportuno, então, dedicar este estudo ao tema. O objetivo é conhecer esses artistas e entender suas realidades e relações entre si, com os habitantes da cidade, com as autoridades e com os demais comerciantes. Fora isso, a pesquisa procura identificar a existência ou não de

transformações significativas entre os perfis e métodos de músicos com experiência nas ruas e os que ali chegaram há pouco tempo.

No início o plano era limitar o estudo ao Largo da Carioca, tradicional ponto de artistas de rua há décadas. A realidade mostrou que não seria tão simples. A natureza da música urbana hoje é móvel e descentralizada. A imensa maioria das apresentações acontecem entre zona sul e Centro, mas não há fidelidade e muito menos pontos de grande concentração – como se vê na Rambla¹, em Barcelona, por exemplo. A saída então foi ampliar o recorte geográfico escolhido.

Nesse processo foram feitas sete visitas em horários alternados e áreas distintas da cidade. Ipanema, Arpoador, Largo do Machado, Catete, Cinelândia, Largo da Carioca, Copacabana, Botafogo e Tijuca foram os locais visitados. Os pontos exatos onde cada um desses músicos ou bandas foi localizado figura em um mapa interativo².

Ao longo das visitas de campo algumas metodologias foram aplicadas – além da revisão bibliográfica – com o intuito de reconhecimento e pesquisa. O primeiro deles foi a observação etnográfica. Antes de qualquer contato a estratégia foi se misturar ao público, ao movimento natural das ruas, e simplesmente observar atentamente o que acontecia, como eles se comportavam, a resposta do público etc. E foi justamente assim que algumas das cenas mais bonitas e espontâneas se mostraram.

Logo depois esses músicos são abordados e uma entrevista qualitativa é feita – no caso de uma banda a entrevista acontecia com todos ao mesmo tempo, em grupo. Perguntas práticas acerca de seus cotidianos e questionamentos existenciais um pouco mais densos figuram na lista de perguntas que por vezes fez com que esses artistas refletissem sobre questões que ainda não haviam pensado. Nesse momento o objetivo é ouvir os principais atores neste jogo e ter uma perspectiva da visão que eles têm sobre a cena e si mesmos, assim como a diferença entre os diversos artistas envolvidos na pesquisa.

Além das fotografias feitas para ilustrar o dia-a-dia dos músicos, agentes da SEOP – Secretaria Estadual de Ordem Pública – e uma representante da Prefeitura do Rio também foram entrevistados. Comerciantes e o público presente nas apresentações

¹ Calçada localizada na cidade de Barcelona, famoso pelo grande número de turistas que ali passam diariamente.

² Mapa interativo com o registro de músicos e bandas entrevistados e o ponto exato onde o contato foi estabelecido. Disponível em: <https://mapsengine.google.com/map/edit?mid=zwK5-m88p7pA.k7oxD-ThhUrc>. Acessado em: 20/05/14

também, de maneira mais informal. E para completar, um questionário online totalmente interativo³ foi produzido e distribuído pela internet. Rapidamente, 166 pessoas já haviam respondido a perguntas como “Qual foi a última vez que você contribuiu financeiramente com um artista de rua?”. Assim temos a voz de cada uma das peças envolvidas neste jogo: músicos experientes e jovens, autoridades de gabinete e de rua, comerciantes e público em geral.

Fora tudo isso, foi criado durante o processo deste trabalho um grupo no Facebook que se propõe a unir músicos e fãs da música de rua na nossa cidade. Neste espaço de encontro virtual essas pessoas podem informar onde e quando haverá – ou está havendo – uma apresentação. É uma forma de conectar pessoas com interesses similares e divulgar cada vez mais o trabalho destes músicos.

A resposta do público durante o desenvolvimento deste trabalho foi incrível. Foram dezenas de dicas de artistas se apresentando em diversos locais da cidade. Sempre que alguém familiarizado com a pesquisa passava por algum artista de rua, mandava logo uma foto ou pegava o seu contato. A colaboração permeou o processo do início ao fim, o que agrega muito valor visto o tema abordado.

O texto em si é dividido de maneira bem didática. O segundo capítulo traz uma recuperação da história da música de rua no mundo, Brasil e, finalmente, em nossa cidade. Ele se completa com a Lei do Artista de Rua, um divisor de águas em toda essa história mesmo que alguns dos artistas entrevistados sequer a conhecessem.

O terceiro capítulo foca nas questões práticas que interferem no dia-a-dia destes músicos. As suas relações com o público, comerciantes e autoridades são estudadas neste ponto. A discussão se alonga até a análise das recentes mudanças políticas, econômicas e sociais no Rio e como isso afeta a atividade.

O quarto se concentra nos músicos em si, os principais componentes de toda esta cena. Quem eles são, as razões por estarem ali, seus desejos para o futuro... Tudo isso aparece. É neste capítulo também que apresento a transformação identificada durante as pesquisas. Trata-se de uma nova geração que ocupa as ruas com um olhar diferente, em muito influenciado pela chamada Primavera Brasileira, que acabou ressignificando a

³ Questionário online aplicado ao público. Disponível em: <http://bit.ly/musica-de-rua> Acessado em: 19/05/14

política e a posição da sociedade civil neste jogo. Este talvez seja o destaque deste trabalho.

Já no último capítulo alguns pontos trabalhados ao longo do texto são sintetizados e organizados. É uma espécie de diagnóstico no qual apontam-se as principais forças e fraquezas destes artistas como um grupo, os maiores benefícios oferecidos à sociedade e, por fim, maneiras como o Estado pode interferir e contribuir para o crescimento desta cena.

2 – A MÚSICA DE RUA NO MUNDO, NO BRASIL E NO RIO DE JANEIRO

A música apresentada na rua é uma das práticas culturais mais antigas da humanidade. Antes que o conhecimento e tecnologias disponíveis proporcionassem às pessoas a possibilidade de registrar sons e imagens já havia artistas ocupando as ruas, tocando e cantando por gorjetas dos transeuntes.

Com o tempo a prática evoluiu, é claro. Hoje metrópoles europeias abrigam milhares de artistas urbanos, de todos os gêneros: circo, mímica, dança, artes plásticas, música, performance, poesia, literatura, uma lista sem fim. Capitais da América Latina como Buenos Aires e Santiago também são casa de muitos artistas de rua.

Por outro lado, no Brasil a situação ainda é diferente. Passamos, nesse momento, por uma grande transformação na cena da música de rua no país, em específico no Rio de Janeiro. No lugar de antigos músicos dependentes das ruas, geralmente apresentando-se sozinhos e sem muita preocupação com qualidade do som e repertório, entram bandas de jovens que reconhecem a rua como um espaço realmente compartilhado. Novos músicos que, embalados pelo momento sociopolítico que contribuiu para as recentes manifestações que varreram o país, reconhecem valor social em suas apresentações nas ruas. Acreditam que, de alguma forma, estão sendo atores da transformação social que tanto desejam.

2.1 – Surgimento e breve revisão histórica

Não existem certezas acerca da origem da música de rua. Há registros de performances artísticas em locais públicos, por gorjetas, ou não, em quase todas as grandes culturas do mundo, desde a antiguidade. Muito antes da invenção de qualquer método de gravação e reprodução de canções, a rua era a maior fonte de empregos para os músicos.

Ainda na Grécia pré-socrática os *aedos homéricos*⁴ viajavam pela nação cantando uma série de lendas e tradições populares. Suas performances envolviam as plateias pela melodia, ritmo, e também pela linguagem corporal do artista.

⁴ *Aedos homéricos* eram artistas da Grécia antiga que cantavam epopeias acompanhados de um instrumento chamado *forminx*. Distingue-se do *rapsódio*, que veio mais tarde, por compor suas próprias canções. O mais conhecido dos aedos é Homero, poeta épico ao qual se atribui a autoria de *Ilíada* e *Odisseia*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aedo>. Acesso em: 14/04/2014.

Esse tipo de arte era bastante popular entre os ciganos (500 d.C.), conhecidos por suas migrações ao redor do globo. Em suas peregrinações pelo Mediterrâneo, esse povo ajudou a espalhar o hábito por reinos como Inglaterra e Espanha.

Na França da Idade Média os músicos urbanos eram chamados de *troubadours* e *jongleurs*. Na Alemanha, *Minnesingers* e *Spielleute*. Na Rússia, onde se encontrou o primeiro registro deste tipo de arte, atendiam por *skomorokh*.

Em meados do século XII a Literatura Portuguesa teve suas primeiras obras criadas em versos, ou seja, eram poemas. Como ainda não havia sido inventada a prensa gráfica, os poemas medievais eram recitados nas ruas, praças, festas e eventos especiais. Sempre acompanhadas de música, as apresentações foram batizadas *cantigas* ou *trovas*.

Já mais próximos geograficamente estão os *Mariachis*, bandas de rua mexicanas que tocam um estilo muito particular que leva o mesmo nome. De figurino sempre muito caprichado, utilizaram o visual extravagante para chamar a atenção do público e promover a música pelas praças, ruas, bares e restaurantes da América do Norte.

Mais tarde, já entre o fim do século XIX e o início do XX, surgiam nos centros urbanos dos Estados Unidos as *one man bands* (bandas de um homem só). Em sua composição padrão, cada artista tocava violão, gaita e percussão simultaneamente. Alguns usavam gravações que os acompanhavam, algo visto até hoje.

Ainda nos EUA, por volta dos anos 40, apareceu o estilo *folk* que misturava apresentações na rua e também em estabelecimentos como bares e *pubs*. Mas sempre por gorjetas. B. B King é um dos representantes mais conhecidos deste movimento.

Finalmente, na década de 60, a contracultura aflorou na pele dos *hippies*. Foi o tempo não de apresentações individuais nas ruas, mas de verdadeiros festivais. Foi o momento da coletividade. Bandas e músicos solo se reuniam em praças e outros locais estratégicos e se apresentavam em conjunto. O único lucro vinha do chapéu, passado ao fim das performances, como na Grécia antiga. Janis Joplin, Grateful Dead e Jimi Hendrix são alguns dos expoentes do movimento *hippie* famosos ainda hoje.

Alguns estilos de música tradicionais, inclusive, tiveram sua origem na música de rua. É o caso do *Jazz*, como cita Hobsbawm em seu livro “A História Social do Jazz” (1959). O estilo que mais tarde ganharia o mundo e passaria a ser “chique” nasceu dos encontros de trabalhadores negros que se reuniam para tocar após o serviço. O saxofone e a clarineta ajudavam a afastar os pensamentos da rotina exaustiva.

Difícil não associar o caso do *Jazz* imediatamente ao do nosso samba. Considerado uma das principais manifestações culturais populares brasileiras, o samba é mais um gênero musical urbano. Foi no início do século XX, nos bairros da Saúde, Gamboa e arredores da Praça Onze que, puxado por negros vindos da Bahia, o estilo nasceu. Depois de um bom tempo sendo perseguido pelos “poderosos”, o samba passou a ser considerado um símbolo nacional durante a Era Vargas⁵.

Hoje a música de rua ganha cada vez mais força. Apoiada nas redes sociais e no crescimento cada vez mais acelerado das grandes metrópoles, artistas de todas as idades escolhem as ruas para expor seus trabalhos.

2.2 – Comparação do cenário internacional e nacional hoje

A motivação inicial deste trabalho veio de uma visita à cidade de Berlim, durante uma folga no período de intercâmbio na *Universidad Autónoma de Madrid*. Todos os domingos de verão e primavera, no *Mauer Park*, acontece um karaokê público e ao ar livre, que começou pequeno mas evoluiu e hoje é um evento de grandes proporções.

No início, o projeto *Bearpit Karaoke*⁶ contava apenas com um espaço público sem uso e um homem com um sonho e uma bicicleta. Hoje, milhares de pessoas de todos os lugares do mundo se reúnem para cantar e ouvir, lado a lado. O sucesso foi tanto que uma grande companhia de equipamentos de som resolveu doar caixas portáteis especialmente projetadas para aquele espaço. É comum que músicos famosos das mais variadas nacionalidades aproveitem passagens pela cidade para cantar no evento e se divertir com o povo.

Em outras capitais, como Madri, é uma missão impossível chegar ao trabalho ou à faculdade sem encontrar no mínimo alguns músicos de rua pelo caminho. Nas calçadas, praças, metrô e trens, eles estão ali. São jovens viajantes em busca de um dinheiro a mais para a cerveja, imigrantes orientais capazes de tocar instrumentos milenares ou pais de família regulares e seus cellos. Cada um com suas histórias, motivos e objetivos.

⁵ Nas raízes mais profundas, o samba teve em sua origem uma forma de dança acompanhada de curtas frases melódicas e refrãos marcados. Quando Vargas procurou uma ferramenta para alavancar seus interesses publicitários, o samba lhe pareceu conveniente. Disponível em: <http://museuhoje.com/app/v1/br/historia/72-a-origem-do-samba>. Acesso em: 14/04/2014.

⁶ Mais informações sobre o projeto no site oficial. Disponível em: <http://www.bearpitkaraoke.com>. Acessado em: 14/04/2014.

Em locais como Nova York, New Orleans, Londres, Paris, Buenos Aires o cenário é o mesmo. Mas no Brasil, não.

Mesmo com rigoroso frio durante boa parte do ano todas essas cidades conseguem manter a cena da música de rua aquecida. No Rio de Janeiro dispomos de amplos espaços abertos e verdes, tempo ameno em todas as estações do ano, um setor turístico proeminente, um povo numeroso e fortemente ligado à musicalidade, festa, diversão, alegria, cultura... Assim definiu Antonio Martins:

Apesar de todas as comoções mundiais, o homem do final do nosso século é um animal que ri. Especialmente no Rio de Janeiro, aquilo que Armando Nogueira chamou de “a alma esférica do carioca” está sempre disposta a elaborar piadas sobre suas próprias dificuldades. Não é sem razão que as ruas desta metrópole se encham de gente de todas as partes do globo em todas as épocas do ano, especialmente na quadra do verão, em busca do sol, do riso e do carnaval. Suplantando já o próprio jogo, o ópio do povo, em nossos dias e nesta cidade, é o riso (MARTINS, 1988).

A esta última ideia adiciona-se o momento econômico favorável e a relativamente boa posição do real no mercado cambial. Mas ainda assim nossas ruas não recebem tantos artistas.

Existem algumas hipóteses capazes de apoiar este diagnóstico. A falta de segurança nas ruas, de incentivos governamentais, mais do que isso, a falta de colaboração direta das autoridades. Afinal, somente há alguns anos a atividade da arte de rua foi regulamentada e incluída em lei e alguns artistas contam já terem sido incomodados pela Guarda Municipal. Talvez alguns músicos se sintam humilhados por se apresentar nas ruas e prefiram não fazê-lo, ou talvez até as pessoas simplesmente não se interessem por isso.

Hoje o momento é de transformação, de desenvolvimento. Mais artistas brasileiros e estrangeiros estão escolhendo as ruas em nossa cidade. Novos festivais dedicados exclusivamente a música de rua começam a surgir pelo país, mesmo que ainda não sejam totalmente coerentes com os interesses dos músicos. Aqui no Rio grandes empresas como a FARM⁷ reconheceram o potencial do movimento e associaram suas marcas a eventos com músicos que tocam nas ruas.

Um outro incentivo à ocupação do espaço público para a prática musical são os altos preços que dominam a noite carioca. Festas alternativas como a *Abaporu* e

⁷ Grande marca de moda feminina que explora a cultura e os costumes cariocas em seu projeto de Branding. Site oficial: <http://www.farmrio.com.br>.

comerciais como a *Wobble* organizam eventos noturnos e diurnos em praias como Arpoador, Leme e Urca.

O objetivo desta pesquisa é entrar nesta onda e ajudar no mapeamento, difusão e incentivo à arte de rua no Rio de Janeiro.

2.3 – A posição do Rio de Janeiro no cenário nacional

É impossível precisar o tamanho da comunidade de músicos de rua no Rio uma vez que não existem registros oficiais acerca da questão. Ainda assim pode-se dizer que o Rio de Janeiro ocupa posição de destaque no cenário nacional, ainda muito atrás de São Paulo e talvez um pouco atrás de Curitiba. Outras capitais como Porto Alegre, Recife e Salvador também possuem uma cena de música urbana forte.

Pontos como o Largo da Carioca, Uruguaiana, Cinelândia, o bairro da Lapa, de Santa Teresa, a Praça São Salvador, Pedra do Sal e a longa orla da cidade são alguns dos pontos tradicionais para os artistas de rua, entre eles os músicos. Eventos recentes como o *Dia da Rua* e o claro aumento da variedade de estilos indicam uma situação de crescimento na cena, coerente com o momento socioeconômico atual de nossa cidade – pelo menos para uma parcela da população.

É importante ressaltar que nem sempre essas iniciativas têm a preocupação necessária em preservar a lógica da música de rua. Em abril de 2011, o marketing da empresa FARM apostou no *Dia da Rua*. O problema, neste caso, foi que a marca preferiu convidar artistas que não costumam se apresentar em espaço públicos para ocupar a orla de Leblon e Ipanema. A festa foi linda, mas os verdadeiros atores da arte de rua não foram parte dela. O resultado foi uma insatisfação dos músicos, que alimenta o medo do que pode acontecer caso a prática, hoje preferida pelo caráter livre e intimista, se torne algo comercial, atrelado ao mercado e aos interesses de um agente externo. E não só a iniciativa privada que comete esse descuido. Eventos com patrocínio da Prefeitura do Rio como o *Arte Pública*, que paga a músicos de rua para se apresentarem em praças da cidade, peca no mesmo ponto.

Há pouco tempo, porém, a FARM voltou a utilizar a música de rua em seus eventos, desta vez o lançamento de uma coleção em parceria com a multinacional Adidas. Desta vez, a empresa convidou a banda *Bagunço*, que de fato se apresenta nas ruas. A Redley é outra grande marca da moda que já adotou a música de rua em seus eventos.

Outro movimento perceptível porém recente no Rio de Janeiro é o de difusão desses músicos, antes concentrados no Centro da Cidade. Lugares como Arpoador, Copacabana, Leme, Ipanema, Botafogo e Leblon têm recebido cada vez mais artistas. Estes músicos se apresentam tanto em vias movimentadas como a Visconde Pirajá e a Nossa Senhora de Copacabana, como em locais mais tranquilos como a orla do Arpoador, a Pedra do Leme e a Praça São Salvador, em Laranjeiras. Em áreas afastas do Centro e da zona sul, como a zona oeste, a zona norte e a Baixada Fluminense, porém, a densidade de artistas nas ruas é extremamente baixa.

É, entretanto, quando olhamos para cidades de países vizinhos como Santiago, Lima e Buenos Aires que percebemos como estamos atrás no que diz respeito tanto à quantidade, quanto à qualidade artística e à variedade de técnicas e estilos.

Não existe uma justificativa única para esta disparidade entre o Brasil e nossos vizinhos de descendência espanhola. Talvez a diferença de raízes seja um fator de influência – sempre foi clara a importância que espanhóis-americanos dão às praças, aos parques, ao espaço público em geral. Muito diferente de nós, brasileiros, que historicamente preferimos moldar às cidades para carros, máquinas e caminhões, ocupando qualquer espaço livre com rentáveis empreendimentos imobiliários.

Uma destas justificativas é certamente a desequilibrada relação entre autoridades e artistas. Como por muito tempo não houve uma regulamentação para a atividade, o músico urbano nunca esteve totalmente seguro e por vezes era impedido de trabalhar por algum policial. Há dois anos atrás, finalmente, alguns governos municipais decidiram dedicar atenção à questão. E hoje várias cidades já contam com leis que garantem o direito de apresentação de artistas de todos os gêneros: circo, mágica, estátuas humanas, mímicos, músicos, artistas plásticos e o que mais se puder imaginar.

2.4 - A nova “Lei do Artista de Rua” e seus efeitos no Rio de Janeiro

Mesmo com todas as características propícias para a prática da música no espaço público em nossa cidade, as autoridades demoraram muito tempo para dar real importância à essa atividade. Até a metade de 2012, não havia qualquer espécie de regulamentação ou protocolo para manifestações artísticas em logradouro público no Rio de Janeiro.

Nesse contexto, cabia ao policial militar (ou guarda municipal) mais próximo o papel de juiz. Era assim que se decidia se cada apresentação era ou não lícita e, conseqüentemente, se poderia ou não continuar. Não raro, esses agentes da lei agiam de maneira desproporcional, tratando os artistas com violência e até recolhendo seu material. Tudo em razão da “ordem pública”. Era essa posição marginal a reservada para estes que simplesmente queriam usar as ruas e praças para fazer arte.

A situação de trabalho desses cidadãos era completamente instável e ajudava a definir sua própria marginalidade. A forma como o Estado se porta dá exemplo aos indivíduos que o compõe e influenciam suas opiniões e atitudes. Em outras palavras, ao ver um músico enxotado de uma calçada por um policial, a imagem que se espalha na sociedade é de que este músico realmente não tem valor e que de alguma forma ele não é digno.

A falta de valor social e os problemas práticos que todas essas incertezas traziam dificultavam o trabalho dessas pessoas. Este cenário fazia a atividade menos rentável e conseqüentemente afastava muitos artistas - que muitas vezes tinham preconceito com seus colegas que optavam pelas ruas.

Consultando a Constituição brasileira lê-se no artigo 5º, inciso IX: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”⁸; e no artigo 215: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.”. Fica evidente, portanto, que a omissão das autoridades nesta questão violava os direitos constitucionais não só dos artistas mas também dos passantes, impedidos de apreciar aquela manifestação cultural.

Até a metade de 2012, a prática de arte nos espaços públicos da nossa cidade não era regulamentada. A confusão era total e os artistas que realmente desejavam manter um trabalho regular e sério se viam em situação difícil.

Apesar de tarde, o Rio de Janeiro foi a primeira capital a se movimentar no sentido de mudar esta situação. No dia 5 de junho de 2012 foi aprovada a Lei nº 5.429, oriunda do Projeto de Lei nº 931, de 2011, de autoria do vereador Reimont (PT), que “Dispõe

⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acessado em: 14/04/2014.

sobre a apresentação de Artistas de Rua nos logradouros públicos do Município do Rio de Janeiro.”⁹.

Mas não foi fácil. No dia 27 de abril do mesmo ano, o prefeito Eduardo Paes, por meio do Ofício GP nº 462/CMRJ, vetou a “Lei do Artista de Rua”. Segundo o texto da carta de veto dirigida ao então presidente da Câmara, vereador Jorge Felipe (PMDB), redigido pelo próprio prefeito, ele se viu compelido a “vetar integralmente o Projeto de Lei n.º 931, de 2011, por seus vícios de ilegalidade e inconstitucionalidade, assim como por se afigurar inconveniente e inoportuno à Administração Pública.”¹⁰.

A classe, ainda que embrionária e desarticulada, não ficou satisfeita com a decisão e se mobilizou. Depois de manifestações e pressão popular o prefeito voltou atrás, admitiu seu erro e se comprometeu a pedir à sua própria bancada que ajudasse a derrubar o veto que havia despachado dias antes.

Fato é que quase dois anos após a criação da lei, o número de artistas de rua só vem crescendo. Brasileiros e estrangeiros. Muitos artistas de fora, especialmente de outros países da América Latina preferiam se basear em cidades como Buenos Aires, Santiago e Montevideu. Muito por causa da língua, mas também por conta dessa incerteza no trabalho, dominante por aqui. O aumento do abismo econômico entre Brasil e o restante da América do Sul já estava seduzindo alguns desses artistas, que se motivaram ainda mais a vir para o Rio após a nova lei.

Agora eles podem fazer suas apresentações na cidade que mais recebe turistas na América do Sul, em momento econômico vantajoso, com moeda forte e segurança de que podem trabalhar sem serem incomodados. Essas circunstâncias já trouxeram resultados práticos, com músicos estrangeiros que trouxeram novos estilos e instrumentos, enriquecendo ainda mais a cena da música de rua em nossa cidade

⁹ Disponível em:

<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/67120c4c1ae54a6603257a14006d2b1d?OpenDocument>. Acessado em: 14/04/2014.

¹⁰ Disponível em: <http://meu-rio.tumblr.com/post/22392557354/artistas-de-rua>. Acessado em: 14/04/2014.

3 – A PRÁTICA

São muitas as variáveis que interferem no dia-a-dia de qualquer pessoa que trabalhe, formal ou informalmente, nas ruas. O guarda de trânsito, o flanelinha, o feirante, o camelô e, claro, o músico de rua são todos iguais neste quesito. Quando não existe o domínio do profissional sobre o próprio espaço de trabalho, o que parece simples pode se tornar bastante complicado.

O sol, a chuva, o trânsito, o horário, a relação com os comerciantes, com os ambulantes, com as autoridades, com o público. A segurança do local, o transporte público, a conservação dos espaços, os preços dos comércios da região. Estes são apenas algumas destas tais variáveis. É preciso que o artista entenda a mecânica das ruas e consiga se inserir nela como uma engrenagem perfeita, sem “brigar” com quaisquer destes fatores.

E tudo isso para faturar quanto ao fim de um mês de trabalho? A forma como o público recebe e interage com esses artistas é a ponta desta cauda que define se o dia será lucrativo ou não. Mas será que eles estão ali mesmo pelo dinheiro, ou será que há razões sociais por traz de tudo isso? Em entrevistas os próprios músicos ajudaram a responder estas e outras questões acerca da prática da música de rua na cidade do Rio de Janeiro.

3.1 – A relação com o espaço urbano público

Neste ponto da análise temos duas perspectivas para analisar. Como esses artistas entendem o espaço público e como eles interagem com ele. Em ambos os casos há uma clara diferença entre os músicos da velha e da nova geração.

Os músicos mais antigos, aqui representados por Maza (54) e Sérgio (preferiu não revelar a idade) parecem ver as ruas como um espaço de menor valor. Estão ali por falta de opção e, mesmo gostando do que fazem, se mudariam sem pensar muito caso tivessem alguma outra oportunidade. Os estrangeiros que se apresentam sozinhos, muitos apenas de passagem pela cidade, já se entendem como parte daquele espaço e não se sentem menores por estarem ali. Fora isso, não mostraram muito mais comprometimento com o espaço e seus atores.

Já entre as novas bandas a situação é diferente. Estes jovens que há pouco tempo estavam nas ruas não para tocar, mas para protestar por melhorias no país, recém

aprenderam a ter consciência política. Olham o mundo com um olhar mais crítico, mais do que isso, perceberam que não adianta depender e esperar alguma atitude do Estado e resolveram fazer com as próprias mãos. Para eles, cidadãos, a rua é mais que um espaço de passagem, é a extensão das nossas casas. É a troca do “de ninguém” pelo “de todos”. Ocupando esse espaço eles estão contribuindo para a cidade, ocupando com arte, alegrando a vida das pessoas que fazem parte dessa comunidade. Isso traz valor social, uma entrega além da financeira que a música de rua proporciona a seus praticantes. Em resumo, para eles estar ali é uma opção, um desejo, um dever de cidadão e um prazer. Ainda assim, quase a totalidade dos artistas entrevistados mostrou intenção de evoluir das ruas para palcos tradicionais. Alguns deles, no entanto, disseram que se manteriam nas ruas paralelamente.

Quanto à interação com o espaço, também há uma distinção bem marcada entre os mais velhos e os mais jovens. Como na música, seja nas ruas ou nos palcos, as bandas costumam ser mais performáticas, animadas e interativas do que os artistas solo. Assim como as formações mais modernas, da década de 70 para cá, se mostram cada vez mais criativas. A rua acompanha essa lógica.

Em geral os músicos mais antigos e os artistas solo assumem uma posição passiva em relação ao espaço. Escolhem um ponto, geralmente às margens de uma calçada movimentada ou na ponta de uma praça próxima à saída do metrô, ali se colocam e ficam, do início ao fim. Não se movimentam, não interagem com o público e, quando muito, esboçam um agradecimento quando chega alguma contribuição. Não há nuances de criatividade e nem performances que aproveitem as possibilidades que as configurações das ruas e praças proporciona. Costumam se apresentar sempre no mesmo ponto e não estabelecem diálogo com objetos e nem com as pessoas imediatamente ao redor.

Mais uma vez os jovens se mostram mais ousados e inovadores. Além de utilizar com inteligência variados pontos da cidade, como o Arpoador e a orla aos domingos e feriados e as praças do Largo do Machado e General Osório na hora do *rush*. O grupo Beach Combers, por exemplo, se apresenta sempre com o mesmo figurino: short vermelho bem curto, camisa de botão branca com ombreiras vermelhas e óculos escuros. Fora isso são extremamente performáticos e conversam com o público entre uma música e outra. Com o Astro Venga é a mesma coisa. Cada música é anunciada por um grito do baterista Zozio e pedidos são aceitos pelo grupo.

O Bagunço!, formação estilo fanfarra, se destaca com sobra neste quesito como a banda mais amadurecida. Mix de brasileiros e franceses é o grupo que parece entender melhor as possibilidades que a rua proporciona e faz bom uso delas. Não se apresentam parados, circulam, atravessam o público, passam por trás, fazem coreografias com as pessoas, trenzinhos, chegam a tocá-las. Eventualmente se dirigem às pessoas e pedem que se aproximem pois “juntinho é mais gostoso”. O baterista Filipe costuma abandonar a bateria e batucar no que encontrar por perto. Bate nos suportes das placas, nas próprias, em lixeiras, calotas de carro, canos expostos... Depois atravessa a rua, continua batucando, ganha um saco de pipocas do vendedor ambulante, retorna e distribui o presente para o público. Ao fim retorna a bateria. Tudo isso e banda não parava de tocar, é tudo parte do show. Simplesmente incrível.

Todos eles parecem ter algumas falas ensaiadas e encarnam arquétipos pré-definidos, o que transparece nos diálogos entre eles durante a apresentação. É mais que música pura.

Eles também propõem um jogo no qual distribuem três potes de sorvete com as inscrições “brega”, “samba”, “rock”. Começam a tocar uma música qualquer e cada vez que alguém coloca uma contribuição em um dos potes, eles imediatamente transformam o ritmo da canção. Fazem e o refazem enquanto contribuições forem sendo feitas. É uma forma criativa de aumentar a rentabilidade do espaço e a interação com o público de maneira natural.

Em certo ponto do show, alguns meninos de rua que já haviam passado por ali duas vezes, dessa vez resolveram parar e ouvir. Pareciam admirados e um deles, mais destemido, foi se aproximando da bateria. Filipe se mostrou simpático e ele avançou. Logo estava com uma baqueta na mão batendo em um dos tambores. Poucos minutos depois já estava sentado no banco e dominando o instrumento. Os demais continuaram por perto admirados. Naquele momento algo muito especial acontecia, algo que só poderia ocorrer nesse contexto.

3.2 – A recepção do público

Para apoiar esta parte da análise foi utilizada, além das observações de campo, um questionário online totalmente interativo¹¹. A própria repercussão deste questionário foi um primeiro sinal de como o público enxerga a questão. Rapidamente, 166 pessoas responderam às perguntas que ajudam a dar um panorama da relação entre músicos e público. Paralelamente às respostas, mensagens de incentivo e pedidos de avisos em caso de novidades no projeto foram recorrentes. É possível adiantar que é uma relação extremamente positiva e inspiradora, seja para os artistas, seja para os pedestres.

Segundo a perspectiva dos artistas, o público carioca tem uma postura excelente. São respeitosos, generosos, carinhosos e divertidos, raramente alheios. Até mesmo os artistas estrangeiros demonstraram surpresa com os “fãs” brasileiros: “são mais animados, interagem mais”, afirmou o portenho Mariano. O público constitui, sem dúvida, a principal fonte de inspiração e incentivo para estes artistas. Nesse novo olhar sobre as ruas, a vida está nas pessoas que ali estão.

O mais interessante é que não é possível estabelecer um perfil para este público. Ele é completamente difuso. Há pessoas de todas as idades, origens, sexos, crenças, ideologias, classes sociais. As maneiras como essas pessoas interagem com as apresentações também são variadas. Alguns param e olham apenas, muitos pegam os celulares e passam e enxergar tudo através dele, têm os que se emocionam, os que cantam, que dançam. É de cada um, é espontâneo, como tudo na rua. Há os que gostam simplesmente pelo caráter independente e antissistema que aquela forma de arte representa, outros querem ouvir as músicas mais populares, as mesmas que aparecem nos domingos do Faustão. Os estilos mais tocados pelos entrevistados nesta pesquisa são o brasileiro samba, o rock e o jazz. Geralmente o público responde melhor às músicas que já conhecem e podem cantar, ou ao menos acompanhar, com a banda. Há também algumas bandas que interpretam músicas próprias, é o caso da Bagunço! e do Beach Combers.

Ainda sobre a relação entre público e músicos, durante as visitas de campo algumas situações chamaram bastante atenção. A amizade instantânea entre meninos de rua e o baterista Filipe do Bagunço”, caso já mencionado neste trabalho, é um belo

¹¹ Questionário interativo criado com a plataforma gratuita Typeform. A ideia foi fazer um documento ágil e bonito que facilitasse o uso ao mesmo tempo que adicionasse inovação ao trabalho. Disponível em: <http://bit.ly/musica-de-rua>. Acesso em: 28/04/2014

exemplo desta relação. Em apresentação do Beach Combers um funcionário do supermercado Zona Sul, no caminho de volta pra casa, parou para dizer aos integrantes do grupo como aquele som o ajudava a seguir sua jornada. Idosos com destino aos bancos, crianças e suas babás na volta da escola. As relações estabelecidas são tão infinitas como os atores que delas participam.

A banda Astro Venga foi removida da Praça São Salvador há alguns meses, o que mostra que essa relação também tem seus momentos de fragilidade. No entanto, naquele mesmo espaço, em um outro dia, uma senhora fez questão de descer do seu apartamento para agradecer aos artistas que se apresentavam em uma calçada próximos à sua janela. Não há outro ambiente onde os músicos possam experimentar essa sensação.

Ela queria dizer o quanto aquilo a fazia feliz. E assim foi ela quem fez os músicos felizes, que por sua vez deixaram outras pessoas, que sequer sabiam deste contato, felizes também. E assim, esses encontros e interações servem como combustível para um movimento espontâneo que leva alegria e leveza para a vida de muitas pessoas.

Entre os participantes do questionário online, 97% (158)¹² indicou apreciar as apresentações de música de rua. Destes, 67% (109) disse ter o costume de parar para assistir quando há um show de rua por perto. Apesar disso, 54% (88) passa mais de um mês sem passar por nenhum artista, enquanto apenas 16% (27) afirma encontrar músicos de rua ao menos uma vez por semana. Trata-se de um claro indicador de que o povo tem simpatia pela atividade e que ainda há espaço para mais artistas em nossa cidade. Em outras palavras, hoje a oferta de música de rua está bastante longe da demanda, o que sugere um momento positivo para a implementação de iniciativas que visem ao crescimento da cena com a chegada de novos artistas, e ocupação de mais e novos espaços. Ainda para confirmar esta tendência, 94% (163) indicou vontade de ver mais músicos se apresentando nas ruas e 79% (128), declarou interesse na utilização de uma plataforma digital que mostrasse onde e quando estes artistas estão se apresentando.

Quanto à generosidade, apontada por alguns músicos entrevistados como grande qualidade do público brasileiro, há equilíbrio. Quase metade, 52% (86) dos participantes contaram que não costumam contribuir financeiramente com as apresentações. Um quarto, ou 26% não se lembram ou nunca fizeram uma doação a um músico de rua e 34%

¹² Como nenhuma das perguntas era obrigatória, os percentuais são calculados sobre o total de pessoas que responderam àquela pergunta em específico. Neste caso, por exemplo, três pessoas não responderam. Ou seja, tivemos 158 participantes que escolheram a opção 'sim', o que significa então 97%.

passa até três meses sem fazer qualquer contribuição. Apenas 27% confirmou contribuir com artistas mensalmente.

Seja nas observações locais, nos depoimentos dos artistas entrevistados, ou no questionário aplicado pela internet a recepção do público à música de rua é ótima. Os habitantes da nossa cidade não só são simpáticos à atividade, como se demonstram engajados e interessados na evolução da cena. O que não configura nenhuma surpresa levando em conta o estilo alegre já mundialmente conhecido que abraça nossa cidade e seus moradores, ou pelo menos grande parte deles.

3.3 – A relação com as autoridades

Quando falamos em autoridades para os músicos de ruas temos três atores principais: a Guarda Municipal, a Polícia Militar e a SEOP, Secretaria de Ordem Pública (que geralmente atua acompanhado de guardas municipais). São esses os braços do Estado que interagem de forma direta com os artistas nas ruas. Além destes, temos Secretaria de Cultura que também tem competência sobre a atividade.

Nenhum dos órgãos citados no parágrafo anterior se mostraram disponíveis para responder a perguntas. No entanto, mesmo não sendo a pessoa mais indicada para tratar do assunto, a gerente de monumentos e chafarizes da Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos da Prefeitura do Rio de Janeiro, Vera Lucia se dispôs a falar sobre o assunto. Sobre a necessidade ou não de autorização, Vera explica que:

A Prefeitura, por meio da subprefeitura, autoriza qualquer evento em espaço público. O ideal seria procurar a subprefeitura do local onde pretende se apresentar, com uma carta pedindo autorização, especificando os dias e horários, esclarecendo toda a programação. Com o ‘nada opor’ da subprefeitura que é ligada ao gabinete no prefeito, o evento acontece sem interferência da Secretaria de Ordem Pública e Guarda Municipal. Muitos se apresentam nos logradouros públicos sem essa autorização.¹³

Na teoria, vale lembrar, nenhum tipo de autorização é necessária segundo a Lei do Artista de Rua, que explicita em seu artigo primeiro:

As manifestações culturais de Artistas de Rua no espaço público aberto, tais como praças anfiteatros, largos, boulevards, independem de prévia autorização

¹³ Trecho retirado de entrevista realizada por e-mail com a gerente de monumentos e chafarizes da Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos da Prefeitura do Rio de Janeiro, Vera Lucia.

dos órgãos públicos municipais, desde que observados, os seguintes requisitos:¹⁴

Nestes quesitos estão contidos, por exemplo, a obrigatoriedade da gratuidade com doações espontâneas, o não impedimento do trânsito de automóveis ou pedestres, ausência de palco, limitação da potência do som, duração máxima e ausência de patrocínio privado que caracterize a apresentação como “evento de marketing”. Este contato com a subprefeitura, portanto, teria uma função mais de comunicação do que de autorização propriamente dita. É a forma encontrada pelas autoridades de criar uma inteligência ao redor do tema, conhecendo esses artistas, onde e quando se apresentam. Dessa forma podem planejar suas ações e até mesmo evitar problemas como a superlotação de algum ponto. Como não é uma questão obrigatória, não tem surtido o efeito desejado.

Ou seja, a prefeitura continua tão cega quanto antes para estes artistas que ocupam nossas ruas. Ainda segundo Vera, a única forma de interação entre Estado e músicos de rua seria essa apresentação na subprefeitura para os comunicados de apresentação. É possível que a Secretaria de Cultura tenha um registro mais completo, seria o lógico. No entanto nenhum artista entrevistado mencionou já ter sido procurado por alguém do órgão municipal, muito menos que haja algum diálogo ativo entre estas duas partes.

A gerente, defensora da ideia de que “qualquer expressão artística e cultural precisa ir até o cidadão para enriquecer a nossa sociedade”¹⁵ não soube explicar qual seria a posição oficial do governo sobre o tema, nem seus próximos passos. No entanto, adiantou que até o mês de junho a Secretaria Municipal de Cultura deve lançar edital para a aprovação de projetos culturais. Uma boa oportunidade para estes artistas que estão vendo o espaço público de maneira distinta. Seria natural nesse movimento de amadurecimento que eles passassem a aproveitar as ferramentas, ainda que poucas, disponibilizadas pelo governo em prol da causa da música de rua.

Saindo um pouco de gabinetes, leis e política e chegando às ruas a situação é bastante tranquila. Foram pontuais os problemas entre artistas e polícias mencionados nas entrevistas. Em geral tanto guardas municipais, quanto polícias militares, têm se mostrado

¹⁴ Disponível em:

<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/67120c4c1ae54a6603257a14006d2b1d?OpenDocument> Acesso em: 11/05/2014.

¹⁵ Trecho retirado de entrevista realizada por e-mail com a gerente de monumentos e chafarizes da Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos da Prefeitura do Rio de Janeiro, Vera Lucia.

simpáticos à prática da música urbana e não costumam interferir nas apresentações. Muito pelo contrário, alguns até se aproximam e deixam suas contribuições nos chapéus.

Se a Lei do Artista de Rua foi responsável por esse bom relacionamento hoje não se sabe. Nenhum dos músicos foi capaz de afirmar com segurança. Deixaram evidente, porém, que a lei os ajuda na medida que serve como base para que se apresentem e ganhem seu dinheiro livre de incertezas. É a garantia de um direito que sempre foi deles.

Ainda assim, parece restar algum sentimento de desavença entre agentes da SEOP e músicos. Em uma noite de quinta-feira, na Praça São Salvador, Thales Browne, que costuma se apresentar nos vagões da linha um do metrô, tocava com um companheiro enquanto alguns agentes o observavam à distância. Perguntados sobre o que aconteceria um deles demonstrou raiva pelo fato daquilo estar acontecendo mesmo depois das 22h, limite descrito na lei. Enquanto os outros três homens preferiram não falar, este agiu com palavras fortes e aparente revolta com o caso. Toda a praça estava lotada de pessoas socializando enquanto bebiam cerveja, como acontece ali tradicionalmente. Mesmo assim Thales foi abordado, com muita educação e solicitado a parar a apresentação. Houve alguma argumentação sobre se realmente fazia sentido que ele parasse por conta da “Lei do Silêncio” uma vez que o volume do barulho vindo das conversas e interações ao redor era muito maior, sem maiores problemas ou conflitos. A forma de conduzir o problema foi um pouco esquizofrênica, é verdade, mas ao menos o contato foi respeitoso e sem qualquer tipo de violência.

O que importa é que, ao contrário de antes, não há mais notícias de artistas removidos com truculência, equipamentos e CDs apreendidos e nenhum tipo de violência. O único fator que motiva a interferência de policiais nas apresentações são denúncias diretas geralmente feitas por moradores e, principalmente, comerciantes que se sentem prejudicado pelo movimento em frente a suas lojas.

Nestes casos o procedimento padrão dos policiais tem sido uma abordagem calma e respeitosa. O discurso geralmente mistura simpatia e um certo desgosto por estarem incomodando os artistas. Eles fazem questão de deixar claro que gostam da música, mas que algumas pessoas estão se sentindo incomodadas. Pedem, então, que os artistas contribuam se locomovendo para outro ponto. Aqui aparece uma questão bastante curiosa. Os artistas não são obrigados a se moverem nestes casos. Desde que estejam seguindo as regras estabelecidas na lei, eles não precisam ceder e podem continuar se

apresentando independentemente de estarem desagradando um moradores e comerciantes. A polícia entende isso e pede a colaboração dos músicos, não agem de maneira assertiva. O que aconteceu foi que os artistas compreenderam a situação e tomaram como hábito aceitar o pedido dessas autoridades para evitar maiores problemas.

Assim essa nova classe de artistas demonstra que entende a lógica da rua, a lógica de se viver em sociedade. O conflito não é vantajoso e se adaptar entre as muitas variáveis do espaço público é um trunfo para eles.

Esses pedidos de remoção, mesmo que feitos de maneira educada, acontecem com maior frequência em alguns pontos. Na Praça São Salvador as denúncias costumam vir dos moradores, já na Praia de Botafogo, em frente à entrada principal do Botafogo Praia Shopping, elas vêm do próprio centro comercial que parece não entender as vantagens que pode tirar das apresentações.

Seguramente, essa transformação na relação direta entre autoridades e artistas é um dos principais fatores responsáveis pelo crescimento – potencial e realizado – da cena da música urbana na cidade do Rio de Janeiro.

3.4 – O convívio com os comerciantes

Não seria correto dizer que a relação entre os artistas de rua e lojistas é um exemplo de paz e tranquilidade. Mas também não é ruim. Mesmo com a maior parte dos comerciantes mostrando-se a favor das apresentações, a maioria das denúncias é feita por eles. Embora não haja registro oficial que comprove esse dado, até porque as denúncias são quase sempre anônimas, os depoimentos dos músicos convergem nesse sentido. Para chegar a tal conclusão, eles se baseiam no contato com os policiais que costumam abrir essa informação na hora de educadamente pedir que os músicos colaborem mudando de ponto – é até uma forma de fugir no papel de vilão naquele momento. E se baseiam também na interação direta com esses comerciantes, tanto funcionários quanto proprietários, que algumas vezes não acionam as autoridades e fazem as reclamações por conta própria.

A arte pela arte é positiva para a maioria deles. O maior movimento na porta de seus negócios também, mas alguns ainda o veem como obstáculo, como algo que espanta potenciais clientes, que tumultua. A obstrução de vitrines também costuma ser um ponto

gerador de conflito entre as partes – situação facilmente contornável com uma pequena dose de bom senso de ambas as partes.

No geral, como já dito, a verdade é que a maioria absoluta dos comerciantes não se incomoda com a presença dos artistas de rua, ao contrário, a aprecia. Quase sempre os vendedores ociosos se aproximam da porta para poder aproveitar um pouco do show, às vezes até deixam uma contribuição. Lanchonetes e bares costumam colaborar com água fresca, ou um refresco do dia.

Mesmo com os casos de conflito relatados por alguns artistas, o clima durante as visitas a campo era bom. Não foi difícil ver lojistas discretamente abandonando seus postos para aproveitar um pouco do som. No caso da apresentação do Bagunço!, na Tijuca, era de uma franquia de iogurte que vinha a energia que alimentava os instrumentos e caixa. Tudo na base do favor. Dentre todos os comerciantes questionados, não houve um que se manifestasse contra a prática da música na rua.

Mas nem tudo são flores. Enquanto a Praça São Salvador é um tradicional ponto de conflito entre moradores e músicos, a entrada do Botafogo Praia Shopping¹⁶ mostra como a relação entre lojistas e artistas ainda não é estável. Neste ponto de grande movimento por conta do shopping, pontos de ônibus, empresas próximas e grande oferta de serviços é comum a remoção de artistas pela Guarda Municipal. As reclamações são anônimas, mas alguns músicos afirmam ter certeza que as denúncias vêm dos responsáveis pela administração do shopping.

Como os músicos não são obrigados a saírem por esse motivo, alguns casos acabaram com confusão e até artista na delegacia. Na maior parte das vezes, entretanto, os músicos não resistem e logo se mudam a fim de evitar maiores problemas. Embora as autoridades com competência para interferir nas atividades destes artistas sejam a Polícia Militar, a Guarda Municipal e a SEOP, os comerciantes e lojistas são certamente a peça mais problemática deste quebra-cabeça.

3.5 – As recentes transformações na cidade e seus impactos na atividade

Mais quais teriam sido os motivos que desencadearam essa transformação no perfil dos artistas de rua de nossa cidade? E, claro, na prática da música urbana em si. Além do recente momento de efervescência política que vivemos no Brasil e no Rio, e da

¹⁶ Shopping center localizado na Praia de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro.

mudança da perspectiva do cidadão pelo público nesse processo, há outras hipóteses que podem ter contribuído para este movimento. Todas elas apoiadas, é claro, pela chegada da Lei do Artista de Rua, responsável pela segurança e dignidade desses artistas em suas apresentações.

A primeira é o bom momento econômico que atravessamos no Brasil, especialmente em nossa cidade. Uma boa parte da população que aqui vive hoje tem uma renda melhor, não há falta de empregos, a classe c passou de renegada a grande motor da indústria do consumo e a classe média compreende mais pessoas do que nunca. O mercado rapidamente identifica esse cenário e percebe uma oportunidade com essa nova “sobra” que muitos passaram a ter no bolso. Logo, a oferta de serviços e produtos aumenta, seja para a classe c, seja para a classe a. Indústrias de “supérfluos” como de luxo, arte, entretenimento, moda, eletrônicos e tantas outras são as que mais lucram com o momento.

Pois esses artistas, assim como o mercado, reconheceram essa melhor situação na vida financeira das pessoas que talvez agora estivessem mais propícias a contribuir com as apresentações. Neste novo contexto quem sabe eles não pudessem se sustentar com a atividade? Eles demoraram muito mais que o mercado, é verdade, mas perceberam.

Ainda relacionada a economia, outra hipótese é a chegada de artistas estrangeiros, proporcionada pela atual vantagem que o real tem sobre moedas de nossos vizinhos da América Latina, por exemplo. Há poucos anos nossa moeda valia menos do que os pesos argentinos, em relação ao dólar, hoje a situação é bem diferente. Com isso muitos artistas da Argentina migraram para o Rio de Janeiro. Outras partes do mundo como a Europa e a África também têm vários representantes nas ruas de nossa cidade.

Outro fator que ajuda muito na presença cada vez maior de estrangeiros é a proximidade de eventos globais na cidade, como Copa do Mundo, Copa das Confederações e depois as Olimpíadas. Como sede, o Rio entra em foco e tudo se agita. Como resultado, mais gente se interessa em estar aqui, especialmente artistas de rua que vivem da contribuição do público. Que momento melhor para fazer isso do que a cidade repleta de europeus e americanos em férias?

Por último, a redução dos índices de violência – pelo menos em uma parte da cidade – com a implantação da política de pacificação do Governo Estadual e da Polícia Militar também teve o seu papel nessa história. Hoje os efeitos dessa melhora já se

mostram frágeis e todas as atenções se concentram novamente em resolver os problemas de segurança pública. Em todo o caso, por algum tempo e mesmo que por efeito psicológico apenas, o carioca se sentiu mais seguro nas ruas da zona sul da cidade e em algumas partes do Centro. Com isso mais gente circula nas ruas a pé, mais pessoas se sentem à vontade para parar, para mexer em suas bolsas e, finalmente, doar. Sem falar nos instrumentos, é claro, que já correm menos riscos de serem roubados ou furtados. Como consequência, mais artistas podem trabalhar. Esses artistas passam então a ocupar cada vez mais espaços em nossa cidade, ajudando então a torná-la mais segura – e alegre.

4 – OS ARTISTAS

Com a chegada da nova lei, os artistas de rua começaram a se sentir mais à vontade. O momento social do nosso país ajudou a modificar seus olhares, que agora abandonam o preconceito e se cobrem com lentes esperançosas. São artistas que acreditam poder modificar, um pouco que seja, a realidade que os cerca.

Alguns se apresentam sozinhos, outros em duplas ou grupos. Os instrumentos escolhidos também são diversos. A maior parte é de cariocas, mas há também os que vêm de outras cidades, estados e até de outros países. Os argentinos são figuras nessa cena, tem grupo africano e até mesmo francês botando a cara na rua e fazendo arte.

Os materiais também são diferentes. Há os que carregam grandes quantidades de equipamentos e os que preferem a companhia solitária do instrumento. Nada mais. Há os que se preocupam com marketing e mantêm páginas no Facebook por onde anunciam seus shows e interagem com fãs e os que puxam o cartão da hospedaria escolhida para aquela noite, no pedido de um contato.

Ao todo, 25 músicos de rua foram entrevistados presencialmente enquanto faziam seus shows em locais como Largo do Machado, Largo da Carioca, Ipanema, Praça São Salvador e Tijuca.

Os entrevistados individualmente foram Maza; Sergio Bap; Angélica Melo; Anderson Lúcio (Mindu); Fagundes; Pedro Martins, Eduardo Veras, Thales Browne, Mariano Pierri e Samantha Moreno. Além deles, os grupos Bagunço – David Gonçalves, Michel Moro, Filipe Oliveira, Daniel Pimenta e Clement Mombereau; Astro Venga – Zozio, Dony Escobar e Antônio Paoli; Jangada – Sergio Victor, Thiago Garcia, Tutuka e Renato Crespo; e Beach Combers – Lucas Leão, Bernar Gomma e Gustavo Loureiro – foram entrevistados de forma coletiva, sempre nos intervalos ou logo após as apresentações. Além do contato direto pela entrevista e conversas informais, a observação da atividade como um todo, em especial da relação desses artistas com o espaço e com as pessoas, desde os comerciantes locais, os pedestres que preferem não parar e os que param e se convertem em público.

A maior dificuldade foi arrumar tempo para fazer a entrevista. Qualquer momento sem tocar é dinheiro fora do bolso, isso ficou claro. As ideias, hipóteses e conclusões

apresentadas nos subcapítulos seguintes se apoiam justamente nestas entrevistas, além é claro do estudo etnográfico e dos longos tempos de observação.

4.1 – Quem são eles

Eles são muitos. Com realidades e histórias assustadoramente diferentes. Com razões, objetivos e motivações muitas vezes incoerentes. E é aqui que nasce a primeira surpresa desta pesquisa e o maior desafio no estudo e proposta de soluções para o crescimento da cena.

Quando analisados, os músicos de rua podem ser didaticamente segmentados por alguns critérios. O primeiro é o de tempo nas ruas. Entre os componentes da velha guarda estão os guitarristas Maza, que se apresenta sempre na esquina da Rua do Catete com a Rua Dois de Dezembro, e Sérgio Bap, que marca ponto no Largo da Carioca logo após o horário do almoço. Entre os novos atores desta cena, a maioria nas ruas há menos de um ano, estão bandas de jovens como a Beach Combers e a Astro Venga e também músicos solo como os argentinos Fagundes, de 19 anos, e Mariano Pierri, de 30 – ambos na cidade para viajar.

O segundo critério é de percepção do espaço no qual se apresentam. Os músicos da velha guarda muitas vezes já nem sabem mais explicar o motivo de estarem nas ruas. Depois de forçarem um pouco, como se o pensamento teimasse em não evoluir, a resposta sai e passa a ideia de que a única razão para estarem ali é não terem outra opção. Caíram ali por dificuldades no mercado e ali ficaram, estagnados. Os estrangeiros, pouco refletem sobre questões como esta, estão apenas de passagem aproveitando os dias em que aqui estão. Já os puxadores desta nova guarda trazem com eles uma nova perspectiva do conceito de público.

Para eles, a rua não é mais um lugar estranho, não digno, mas sim uma extensão das nossas casas. É o público no puro sentido de “de todos”, e não mais de “de ninguém”. Esses jovens são representantes de uma camada da sociedade fortemente afetada com a onda de insatisfação que atingiu quase todas as capitais brasileiras no ano passado. Assim, sentem-se instigados a pensar e acompanham política mais de perto, com lentes mais críticas.

Resumindo, eles reconhecem o valor que a rua agrega às suas obras artísticas. E o valor que suas obras artísticas agregam às ruas, mais precisamente aos que habitam nossa

cidade. Esses artistas sabem que podem transformar a sociedade em que vivem, ou pelo menos um pequeno pedaço dela, com suas próprias iniciativas. E acreditam que podem, sim, fazer do mundo um lugar melhor com o que fazem pensando nossa realidade de forma global, mas agindo localmente.

Perguntados sobre como enxergam suas próprias situações como músicos urbanos, a grande maioria deles respondeu que trocaria às ruas por palcos mais nobres se tivessem chance, mesmo gostando de tocar em espaços públicos. Alguns deles contaram que mesmo em condições de se sustentarem somente em espaços tradicionais, não abandonariam as ruas. Isso porque ali, a relação com o público é outra. A ausência de palco transforma a experiência do espetáculo em algo muito mais intimista e espontâneo.

Por coincidência ou não, o nível de escolaridade entre os membros da nova e da velha guarda são bem distintos. Enquanto os mais antigos vêm de classes sociais mais baixas, com menos oportunidades na vida e menos tempo de educação formal, entre os mais jovens a situação é outra. Eles são de classes sociais distintas, mas no geral tiveram mais oportunidades ao longo de suas vidas, possuem um repertório cultural mais amplo e chegaram mais longe academicamente. A maioria deles possui nível superior, mesmo que ainda incompleto. Alguns poucos, entretanto, paralisaram os estudos logo após a conclusão do ensino médio.

Se a educação formal é positiva ou negativa na vida das pessoas já é outra história. Esse é o tipo de questionamento que passa na cabeça desses jovens. Uma considerável parte deles comemorou ao responderem que não haviam ingresso na faculdade, outros ainda adicionaram um até pouco tempo incomum “infelizmente” ao responderem que, sim, estão, ou terminaram, suas graduações. Algo difícil de conceber para um pai que vê nos estudos e trabalho tradicionais todas as esperanças de uma vida digna.

Em idade eles também se mostram um grupo irregular. Enquanto a velha guarda roda entre os 45, 50 e 60 anos, os mais jovens têm em média 25 anos. Entre os entrevistados, o mais jovem é Fagundes, de 19 anos. Já a identidade do mais velho permaneceu um mistério. Enquanto Maza assumiu seus 54 anos, Sergio Bap preferiu esconder a informação, “Quantos anos? Cinquenta e tantos!”.

Ainda entre os critérios demográficos, temos os locais de residência. Conhecer o espaço onde o artista vive pode ajudar a entender a realidade deste grupo. A maioria esmagadora dos entrevistados vivem na zona sul da cidade: São Conrado, Santa Teresa,

Botafogo, Largo do Machado, Favela do Cantagalo, Catete e Laranjeiras. Na área do Centro, Lapa e Estácio também apareceram. Já para a zona norte, São João de Meriti, Tijuca, Vila Cosmos, Lins e Vila da Penha completam a lista. Embora algumas das bandas, como a Bagunço tenham veículo próprio, a maior parte destes artistas ainda dependem do transporte público – e carregando os instrumentos! O trânsito caótico e a dificuldade de locomoção e estacionamento mesmo de carro, foram grandes reclamações que se repetiram durante toda a pesquisa.

Os jovens componentes da nova guarda possuem uma característica bem marcada. Quase todos tocam em mais de um grupo, tanto nos palcos como nas ruas. Além de se apresentarem nas praças, esses jovens também se apresentam em festas, restaurantes, eventos universitários, eventos de marketing, casas de shows e até mesmo em programas de TV. No dia 13 de abril, Lucas Leão, baterista da banda Beach Combers foi classificado para a próxima fase no programa Superstars, da Rede Globo, com um outro grupo, chamado Fuzzcas. Buiu Beat Box, que se apresenta há algum tempo em dupla com um violinista em frente ao Edifício Central e no Largo do Machado, também já esteve neste lugar com seu parceiro William – que estudou música em um conservatório nos Estados Unidos antes de escolher as ruas do Rio. Juntos eles formam o JVB (Junção Violino Beatbox), e participaram do programa *Got Talent Brasil*, da Rede Record¹⁷. Uma espécie de show de calouros extremamente espetacularizado.

Esse é o tipo de desequilíbrio entre estes artistas que deixa qualquer análise tão difícil. Enquanto alguns músicos trabalham suas imagens e buscam caminhos mais mansos no *showbusiness*, outros se sentem diminuídos por suas próprias condições e se tratam mais como moradores de rua do que como artistas. Permanecem estagnados.

Ficou claro, porém, que todos eles compartilham uma essência. O desapego pela formalidade. A maior parte dos entrevistados relatou nunca ter estudado música formalmente, apenas por conta própria ou com professores particulares, e muitas vezes por períodos bastante curtos. O que parece ser visto como uma vantagem! A ideia geral é de que o ensino regular da música acaba por “engessar” o artista, e estar livre disso só pode ser positivo.

No que diz respeito a empregos regulares, a lógica se repete. Sergio Bap, por exemplo, que hoje tem “cinquenta e tantos anos”, toca desde os 18 e nunca teve um

¹⁷ Disponível em: <http://jornalriocarioca.com/jornal/?p=10993>. Acesso em: 14/04/2014.

emprego tradicional. Maza também não, ele começou a se apresentar com apenas 14 anos. Entre os mais jovens também é assim. Com exceção do francês Clement, trombonista performático do grupo de fanfarra Bagunço, todos relataram nunca terem passados por empregos formais.

4.2 – O início da transformação

É evidente que a grande novidade é mesmo o novo perfil destes músicos jovens que passaram a ocupar as ruas do Rio nos últimos dois anos. Totalmente distinto de seus predecessores eles tem visões de mundo diferentes e se distanciam demograficamente, intelectualmente, socialmente e politicamente. São esses novos artistas que escolheram as ruas para abrigar suas bandas, com seus sons mais contemporâneos e adaptáveis, que devem impulsionar a cena nos próximos anos. Nesse ponto, seria injusto não mencionar a importância da Lei do Artista de Rua, que permitiu esse movimento.

4.2.1 – Influência estrangeira

Enquanto tudo isso ainda é novo por aqui e nem as autoridades entendem muito bem como lidar com a situação, na Europa, por exemplo, essa realidade já é bem conhecida. Como mencionado anteriormente, bandas de rock com baterias, guitarras, baixos e amplificadores se apresentam em frente a shoppings, praças e até dentro de trens e metrô. E foi justamente a influência estrangeira que incentivou este início de transformação.

A banda Dominga Petrona – uma das mais conhecidas na cena carioca atual – foi fundada em julho de 2009, em Buenos Aires. O grupo tocava suas próprias composições na Rua Florida, movimentada via do Centro da Cidade *portenha*. Três anos depois o fundador do grupo Cristian Kiffer, decidiu vir para o Rio de Janeiro e, claro, trouxe todos os integrantes do Dominga consigo. Isso aconteceu em julho de 2012, apenas um mês após ter entrado em vigor a Lei do Artista de Rua. Este pode ser considerado um ponto de ruptura na história da arte de rua carioca, que deu início a este movimento de transformação.

Desde então, o grupo que toca músicas de composição própria que circulam entre o *funk-rock*, o *soul* e *acid jazz* tem feito um sucesso enorme com o público da cidade. É

comum ver uma multidão em meia lua mesmo debaixo de sol escaldante enquanto o Dominga se apresenta no Largo da Carioca.

Mais do que simplesmente lembrar aos nossos artistas que a rua está ali e deve ser explorada, eles servem como exemplo desse novo tipo de banda. Seus cinco integrantes se apresentam com energia, são performáticos. Apostam em um figurino moderno e não economizam na quantidade de equipamentos – tudo o mais barato possível, é claro. Eles não estão nas ruas, as dominam. Aproveitam o espaço de uma maneira mais inteligente, exploram as possibilidades de interação com o público e o espaço em si. Transformam suas próprias apresentações enquanto as adaptam para se encaixarem nessa teia de estímulos que é uma grande cidade. Ao mesmo tempo que não brigam com a natureza esquizofrênica das ruas, eles não se deixam passar despercebidos e marcam a história de cada uma das pessoas que passem por ali. E mais, ajudam os habitantes da cidade, mesmo que aos poucos, a perceber o espaço público como seus espaços, como espaço vivo e não mera via de passagem – impessoal e fria.

Com a nova filosofia, um som original e muita animação, o Dominga Petrona já tinha vendido 15 mil discos até o fim de 2013¹⁸. Tudo isso em menos de dois anos e apenas com vendas durante as apresentações do grupo nas ruas. Uma quantidade enorme em momentos em que a os maiores *players* da indústria fonográfica conseguem vender cada vez menos cds.

O retorno foi tão positivo que a banda chegou a fazer uma breve turnê por Paraty e Região dos Lagos e agora prepara uma, um pouco maior, para São Paulo e Belo Horizonte.

4.2.2 – Fatores locais

Enquanto isso por aqui, nos últimos cinco anos vivemos um momento de muita politização e mudança na maneira como enxergamos o mundo, a mídia, os políticos, uns aos outros e, especialmente, o bem público. Mesmo que este movimento tenha se construído de forma totalmente orgânica, podemos notar que sua penetração entre os estudantes e jovens em geral foi bastante acentuada. Não por acaso foram eles os grandes articuladores das manifestações por alguns intitulada “primavera brasileira”.

¹⁸ Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/les_feuilles/2013/10/dominga-petrona.html. Acessado em: 15/04/2014.

Foi justamente nesse período que começaram a surgir diversas iniciativas civis e independentes decididas a transformar nossas vidas, na prática. Era o fim da passividade e do depósito de todas as cobranças e esperanças nas atitudes dos governantes. A partir daí, os cidadãos começaram a reconhecer e assumir seus papéis de agentes ativos de transformação dentro da sociedade em que vivem.

Temas como a mobilidade urbana foram os primeiros a despertar a movimentação destes cidadãos engajados. Nasceu o “Respeite um Carro a menos”, projeto de cariocas que produziam e vendiam placas customizadas para que os ciclistas fixassem em suas bicicletas e passassem adiante a mensagem da mobilidade sustentável¹⁹. A ideia ganhou popularidade e hoje o projeto conta com centenas de modelos de placas que são enviadas para todo o país, além de camisetas, ímãs, capas para celular, adesivos, chaveiros e até alfajores. Tudo para levar a mensagem um pouco mais longe e fazer cada vez mais pessoas refletirem sobre a questão.

Outro movimento bem conhecido que surgiu nesta época foi o “Rio Eu Amo Eu Cuido”, que ficou extremamente popular graças às redes sociais, à associação com grandes marcas como a Skol e o apoio da mídia espontânea.

O ‘Rio eu Amo eu Cuido’ é um movimento que tem o objetivo de sensibilizar o cidadão da importância das pequenas atitudes para o sucesso da nossa cidade. Ser mais gentil, jogar lixo na lixeira, limpar o coco do seu cachorro, urinar em local adequado, manter os cruzamentos livres...— pequenos gestos que estão ao alcance de todos e são capazes de transformar uma cidade.²⁰

A missão deste projeto é simples: “Transformar o comportamento do carioca, conscientizando-o da importância de pequenos gestos e bons hábitos”²¹. Em seu site oficial, os organizadores citam os valores primordiais da iniciativa, que ajudam a entender bem o posicionamento ideológico do movimento. Eles são: bondade, neutralidade, positivismo (foco nos bons exemplos e não nas críticas), comprometimento (amor é pouco, cuide), orgulho de ser carioca, ética (o certo é a única opção), união (o movimento é de todos), coletivismo (a sua atitude faz a diferença), mobilização, sem fins lucrativos²².

¹⁹ Site oficial do movimento Respeite um Carro a Menos. Disponível em: <http://www.respeiteumcarroamenos.com.br/o-que-e-o-respeite>. Acessado em: 15/04/2014.

²⁰ Trecho retirado do site oficial do movimento Rio eu Amo eu Cuido. Disponível em: <http://www.rioeuamoeucuido.com.br/>. Acessado em: 11/05/2014.

²¹ Trecho retirado do site oficial do movimento Rio eu Amo eu Cuido. Disponível em: <http://www.rioeuamoeucuido.com.br/>. Acessado em: 11/05/2014.

²² Site oficial do movimento Rio Eu Amo Eu Cuido. Disponível em: <http://www.rioeuamoeucuido.com.br>. Acessado em: 15/04/2014.

O último exemplo é a “Rede Mobilizadora Meu Rio”. Com proposta semelhante ao do “Rio Eu Amo Eu Cuido”, a rede é formada por “cariocas, de nascença e de coração, que se mobilizam para participar ativamente dos processos de decisão da cidade”²³. Neste projeto, qualquer cidadão é capaz de definir uma causa que merece mobilização social e começar a divulgar a ideia. A rede dispõe de uma série de aplicativos – como o Painel de Pressão e o De Olho – à disposição dos usuários interessados em impulsionar suas próprias mobilizações. Todas as mobilizações criadas têm o auxílio de uma equipe multidisciplinar. Baseada em critérios previamente estabelecidos e públicos, esta equipe escolhe algumas iniciativas que recebem um suporte mais profundo, com estratégia, pesquisa, articulação e comunicação. Se o público adotar a ideia, ela vai adiante. Uma mobilização atualmente em curso, por exemplo, é a que pede a volta do bonde de Santa Teresa. Graças à rede, esta causa já alcançou 3.500 compartilhamentos no Facebook, 6 mil curtidas e 210 comentários. Fora as 915 “pressões”, feitas pelo aplicativo Painel de Pressão. Com o uso da *hashtag*²⁴ “#deguardanobondinho”, a discussão prossegue na internet. Até eventos de protesto com participação de artistas foram organizados por ali.

Tudo isso pode ser resumido em poucas linhas. As constantes frustrações com os representantes políticos, a maior facilidade de mobilização alcançada com o desenvolvimento das telecomunicações, em especial a internet, e a noção de que todo e qualquer cidadão é capaz de transformar a realidade em que vive foram as razões que incentivaram estes brasileiros a deixarem o conforto de suas poltronas e se tornarem ativos nesse processo de transformação.

Seguindo essa lógica, a rua passou a ter um sentido diferente. Antes vista como um não-espço, “dedicada a ônibus, carros e caminhões; historicamente associada a noções de atraso, sujeira e doença – material, moral e social” (CARVALHO, 2005); a rua agora é um espaço nobre, de reivindicação, ocupada pelos transformadores, aqueles que preferiram não esperar sentados pelas melhorias e compreendem que podem modificar a realidade que os circunda. Seja disparando um sorriso contra o pedestre que atravessa no sentido contrário, ajudando um idoso a subir no ônibus, denunciando irregularidades, ajudando moradores de rua, simplesmente sendo gentil, ou espalhando arte por aí.

²³ Site oficial da Rede Mobilizadora Meu Rio. Disponível em: <http://www.meurio.org.br/#network>. Acessado em: 15/04/2014.

²⁴ *Hashtags* são uma ferramenta utilizada em redes sociais para agrupar discussões referentes ao mesmo tema. Dessa forma é mais fácil buscar discussões relevantes em meio a tantas mensagens que circulam por redes como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

4.2.3 – Assimilação pelos artistas locais

Somando-se esses dois contextos explanados nos subcapítulos anteriores é mais fácil entender porque nossa cidade é um terreno tão fértil para a prática da arte de rua, mais especificamente, em nosso caso, da música.

Com a chegada da banda argentina Dominga Petrona, os cariocas foram oficialmente apresentados a esse novo tipo de música de rua. Além do grande sucesso entre os transeuntes da Carioca e do Largo do Machado, o som do grupo chamou a atenção dos outros músicos que passavam por ali. Logo já havia brasileiros se apresentando com a banda. Também neste caso, os primeiros a abraçarem a novidade foram os mais novos. Foi isso que aconteceu com Zozio, jovem de 22 anos oriundo da Serra das Araras mas com base na Tijuca. Zozio foi o primeiro brasileiro a tocar com os argentinos. Mesmo se divertindo bastante ali, ele se incomodava de não ver bandas brasileiras ocupando as ruas da cidade. Decidiu então deixar o grupo e começar a transformar esse cenário.

Hoje o carioca pioneiro é baterista da excelente banda Astro Venga, além de se apresentar em outros três grupos. Zozio montou seu time e não parou por aí, passou a incentivar seus colegas a participarem do movimento. Seu irmão, e também baterista, Lucas Leão, 27, se apresenta nas ruas com seu grupo Beach Combers. Enquanto os artistas mais antigos parecem não se comunicar, entre os jovens existe um alto grau de empatia e proximidade, sobretudo entre as bandas.

Outro músico que pareceu ter uma posição de liderança nesta comunidade é Anderson Lúcio, o Mindu. Mindu já se apresentou no Tree – banda que não faz parte da lista de entrevistadas –, e hoje prepara uma nova formação enquanto se apresenta entre duplas e quartetos no Largo do Machado. Ele também organiza eventos onde esses músicos se apresentam. Muitos nomes aqui mencionados já se apresentaram nessa festa que acontece todas as quintas, em uma sinuca na Lapa. É mais um exemplo da capacidade de mobilização, colaboração e organização que esses artistas possuem. Funciona como uma rede, onde todos se apoiam e lucram com isso, seja em público, em experiência ou em dinheiro mesmo.

A assimilação foi rápida e cada vez mais músicos e bandas se mostram simpáticos à ideia de ir às ruas e mostrarem sua arte ao mundo. Entendendo quais são os maiores desafios que acompanham este grande potencial de crescimento no número de músicos de rua, pode-se propor soluções para facilitar o desenvolvimento sustentável da cena.

4.3 – Um panorama do cotidiano dos músicos

Assim como as histórias e realidades destes músicos, seus cotidianos também são muito distintos. Em comum, todos necessitam se deslocar de seus lares para o local onde se apresentarão e levando consigo seus instrumentos e, na maior parte dos casos, amplificadores elétricos. Todos esses artistas também precisam se relacionar com as autoridades, o público, os comerciantes da região e vendedores ambulantes ao redor. A partir daí cada um opera de uma maneira e não parece haver um padrão que mereça ser destacado.

Enquanto as bandas mais jovens não costumam se apresentar sempre no mesmo lugar, os mais antigos como Sergio Bap e Maza preferem marcar ponto. Em entrevistas, eles disseram que acreditam conseguir uma conexão mais profunda e emocional com os transeuntes regulares da região. Parece fazer sentido, até crianças de escolas próximas à esquina onde Maza se apresenta o cumprimentam pelo nome enquanto voltam para casa acompanhados de mães ou empregadas depois de uma tarde de aulas.

O grupo Bagunço, por exemplo, nunca repete um local, por mais rentável que seja. Para eles a função social do que fazem é muito importante e o objetivo principal é espalhar arte pela cidade. Outros grupos optam por seguir os espaços mais tradicionais, onde costumeiramente os resultados financeiros são melhores. É o caso de pontos como a General Osório, a orla do Arpoador nos fins de semana e praças como o Largo da Carioca e o Largo do Machado – em um dos dias de pesquisa de campo havia três bandas montadas e se apresentando simultaneamente no Largo do Machado, um dos pontos mais populares entre os artistas mais jovens. Eventos já tradicionais no calendário da cidade como a Feira do Lavradio, na Lapa, e a Feira de Antiguidades da Praça XV também são pontos bastante procurados.

Quanto aos horários e dias de apresentações também não há nenhum tipo de padrão definido. Entre as bandas a dificuldade é um pouco maior pois muitos de seus integrantes participam de formações diferentes, muitas vezes têm perfis diferentes e se apresentando em contextos também distintos. É o caso de Lucas Leão, do Beach Combers, que se multiplica para estar com o grupo Vulcânicos e Fuzzcas – este último compete atualmente no show Superstars, da Rede Globo. Isso acarreta em uma necessidade de compatibilidade de agendas, o que resulta em apresentações muitas vezes marcadas no dia anterior, ou até mesmo minutos antes dos shows. Os músicos solo

parecem manter algo mais próximo de uma rotina, não muito rígida, é verdade. Se há algum evento bacana, se um amigo está na cidade, se a festa na noite anterior se estendeu além do previsto, tudo isso é motivo suficiente para adiar a jornada em algumas horas, sem aviso prévio! Conforme o mês vai chegando ao fim, ou os dias não tem sido generosos, a frequência das apresentações aumenta automaticamente, como era de se esperar.

Tampouco há definição entre dias úteis, finais de semana ou feriados. Eles vão para a rua quando podem, e isso não é visto como um caos, mas como espontaneidade. Afinal, ao contrário de artistas que tocam em casas tradicionais, na rua eles são os chefes e não há horários rígidos a cumprir.

A espontaneidade presente na essência desse hábito quase que confuso no agendamento de uma apresentação e escolha do seu local, evidencia o espírito que cerca esses artistas. “Na rua, somos livres”, é o que quase todos os músicos mencionaram durante as entrevistas. Qualquer iniciativa que vise ao contato com esses artistas não será bem sucedida caso ignore esta importante característica. Eles querem tocar o que quiserem, quando quiserem, onde quiserem e como quiserem.

A mobilidade é outro ponto do cotidiano levantado por alguns entrevistados. Enquanto alguns grupos maiores têm veículos próprios e os usam para locomoção da equipe e de seus equipamentos, outros ainda dependem do transporte público. Dos dois lados há reclamações. Os que dirigem dizem que não é possível encontrar estacionamento e muitas vezes precisam carregar tudo por longos caminhos pois sequer conseguem encostar para descarregar os instrumentos. Os que pegam ônibus e metrô reclamam da dificuldade de mobilidade com todos os equipamentos em composições frequentemente lotadas. Ambos reclamam do trânsito. Nada de surpreendente nesse ponto, trata-se de um problema crônico de nossa cidade que afeta a vida de todos os cidadãos e não só dos que trabalham nas ruas.

Já há algum tempo esses músicos costumam carregar suas próprias caixas e amplificadores de som, além de aparelhos eletrônicos que reproduzem trilhas para acompanharem suas apresentações – estes são mais populares entre os artistas solo. Essas novas bandas continuaram com o hábito mas incrementaram muito a quantidade de equipamentos utilizados. Além das volumosas baterias, guitarras e baixos elétricos conectados às caixas, é comum a presença de um ou dois metais como saxofones,

trombones e trompetes, especialmente entre os grupos de fanfarra. Até pedais para guitarras fazem parte do arsenal. E para dar vida a tudo isso, a solução criativa encontrada por esses artistas foi uma bateria de carro adaptada para alimentar uma extensão onde tudo é conectado – em outros países, como os europeus, já estão disponíveis caixas e amplificadores com alimentação interna a baixo custo. É o improviso a favor da arte. Algumas vezes, porém, nem tudo vai como planejado e os próprios lojistas ajudam os músicos cedendo uma tomada ociosa.

Durante as apresentações é comum que os músicos interajam com o público. Quando alguém coloca alguma contribuição no chapéu há os que gritam em agradecimento, os que acenam com a cabeça e os que não manifestam reação. Depende muito do momento da apresentação. Não raro os transeuntes não aguentam esperar o intervalo e se aproximam timidamente dos músicos para trocar algumas palavras. A reação nesse ponto é sempre a mesma: responder educadamente, sempre na intenção de encerrar a interação o mais rápido possível para que nos intervalos da apresentação, aí sim, eles possam dedicar atenção ao público.

Eis aqui outro ponto comum entre todos os artistas entrevistados. Todos eles demonstram extremo respeito e carinho com o público. Seja com os que passam rapidamente, seja com os que param para conversar.

Ao fim das apresentações chega o momento da divisão do dinheiro arrecadado, quase sempre feita ali mesmo no meio da rua. Enquanto uma banda consegue em média R\$300 em três ou quatro horas de show, um artista solo costuma lucrar de R\$60 a R\$70 pelo mesmo tempo na rua. Tudo é dividido em partes iguais e todos seguem para suas casas, cada um levando seu instrumento e sua parte dos equipamentos. Algumas vezes, no entanto, especialmente entre os jovens e às quintas-feiras, eles deixam às ruas juntos e se encontram em bares da Lapa onde pessoas da própria rede organizam eventos que abrem espaço a estes artistas.

Uma questão abordada por vários artistas e que marca seus cotidianos como diferentes dos companheiros de profissão em outros países é a proibição da arte urbana no metrô da cidade. Em todas as capitais já citadas como exemplos em música de rua o metrô é um dos principais palcos, e geralmente o mais lucrativo. O grande volume de pessoas circulando e facilidade de locomoção entre um vagão e outro também são atrativos. Aqui no Rio, no entanto, a ordem geral para os seguranças da concessionária é

remover qualquer artista que esteja se apresentando nas composições, plataformas, ou em qualquer espaço dentro das dependências do Metrô Rio.

Thales Browne, flauta e saxofone, é um dos que se arriscam diariamente pelo direito de se apresentar no metrô. É uma forma de protesto, segundo ele. Todos os seus dias são marcados por um cômico jogo de esconde-esconde com os seguranças. Sempre que é avistado por algum já sabe que não passará da próxima estação. Isso porque o sistema de rádios dos seguranças os ajudam a coordenar a fiscalização nas diferentes estações. Vale ressaltar, que todas as experiências de remoção relatadas aconteceram de forma respeitosa e sem violência física ou psicológica. Na maior parte das vezes o agente de segurança chega a dar sua opinião pessoal dizendo que até gostaria que os artistas pudessem se apresentar ali. Mas ordens são ordens. Procurados para responder oficialmente acerca da questão, o setor de relações públicas do Metrô Rio não retornou as solicitações.

4.4 – Objetivos pro futuro: sonhos e ambições

Todos estes artistas estão nas ruas, mas será que pelo mesmo motivo? Enquanto a nova geração demonstra ter, ou ao menos procuram, uma ideologia que ampare a iniciativa de ocupar o espaço público com arte, os mais antigos parecem estar ali por pura necessidade.

Mesmo entre os jovens, entretanto, há os que afirmam estar ali por falta de opção mesmo. É o caso dos integrantes do Beach Combers, eles apontaram a escassez de oportunidades em casas de shows e as características pouco vantajosas para os grupos nos acordos habitualmente oferecidos como maior motivo para ocuparem as ruas. “Queremos tocar, se não há espaço, tocamos aqui”, resumiu Lucas Leão, baterista do grupo. O que também não quer dizer que eles não gostem de estar ali, pelo contrário. Mesmo os que não estariam nas ruas caso pudessem, reconhecem o valor e sabem aproveitar muito bem a experiência.

Muitos indicaram a possibilidade de evoluir tecnicamente como a razão que os levam às ruas. Foi o que disse Eduardo Veras, guitarra. Além de ter prazer em tocar nas praças, ele aproveita o contato com músicos mais experientes para aprender e se desenvolver como músico.

Agora, o que parece seduzir esses artistas mesmo é a horizontalidade nas ruas. A ausência de intermediários entre público e músico é um fator decisivo, sem dúvidas. Essa relação, totalmente diferente da existente em casas de espetáculos ou gravadoras gera uma liberdade muito maior ao artista. É isso que o permite chegar e sair a hora que quiser, ou tocar a música que quiser, por exemplo. O fato de o dinheiro entrar diretamente no bolso do músico é outro ponto positivo nesse novo contexto.

A relação com o público merece um destaque à parte. No fim das contas parece ser esse o grande incentivador para a maior parte desses artistas. Há os que ainda carreguem uma certa vaidade e se mostrem nas ruas como se estivessem nos palcos, sem mudar muito. Mas a maioria aproveita muito bem essa relação intimista. É inspirador ver uma senhora descer de seu apartamento e se aproximar aos poucos da banda para dizer que é aposentada e passa o dia inteiro em casa sozinha, mas naquele dia a música daqueles meninos fez o dia dela mais feliz. Isso aconteceu com o Astro Venga, enquanto se apresentavam na Praça São Salvador. São muitos os exemplos de interações semelhantes. Enquanto o Bagunço! se apresentava na Tijuca, um grupo de quatro meninos de rua se aproximou da banda. Logo, Filipe Oliveira, baterista, fez questão de integrar as crianças à apresentação. Rapidamente um dos meninos já estava sentado se esbaldando na bateria enquanto os outros três assistiam e dançavam. É incrível o tipo de emoção que a arte urbana pode despertar nas pessoas, de todas as idades. E é inegável que essa energia reflete no artista.

Uma ideia comum entre todos, os que amam estar nas ruas e os que estão ali por mera falta de opção melhor, é a de que a rua é um caminho para outro contexto. Eles acreditam que se apresentando nos espaços públicos, estão evoluindo como músicos, conquistando público e fazendo contatos. Quase todos eles indicaram que abandonariam às ruas caso tivessem as agendas cheias com eventos em palcos fechados, por exemplo.

Resumindo, por mais que essa nova guarda reconheça valor social em estar nas ruas, o sonho principal ainda é o mesmo. Embora apreciem o contexto íntimo e horizontal das praças, eles ainda vislumbram palcos de casas de shows e eventos como grande objetivo na carreira.

4.5 – Condições de trabalho: maiores dificuldades

Ao contrário do que acontece nas casas de show, na rua o artista não tem quase nenhum controle sobre os fatores ambientais. Essa talvez seja a maior diferença entre as performances nestes dois tipos de espaço. Enquanto nas ruas o músico deve se encaixar, se adaptar, entre o movimento dos pedestres, o barulho dos carros, o sol que castiga etc, no contexto tradicional tudo está em função da apresentação, protagonista solitária de um ambiente quase que vedado do exterior. Como consequência disso, as dificuldades nas ruas são bem maiores, é claro.

A primeira dificuldade é a rentabilidade. Bandas chegam a conseguir entre R\$300 e R\$400 reais por dia de trabalho nas ruas, o que é dividido por todos os integrantes – a banda Bagunço!, por exemplo, tem seis componentes. Como não se apresentam todos os dias e a renda é bem variável, ainda não conseguem lucrar o suficiente para viver de maneira confortável e, ao mesmo tempo, pagar custos com instrumentos e equipamentos. De todo modo, este é um ponto que parece estar evoluindo. O enriquecimento da população carioca e o crescimento da classe média têm contribuído para a generosidade dos pedestres.

Todas as questões relacionadas à estrutura também são problemas que costumam atrapalhar esses músicos. A energia elétrica é uma necessidade, mas nas ruas não há pontos de energia públicos. Os ambulantes que precisam de eletricidade, por exemplo, muitas vezes acabam apelando para ligações ilegais. O que esses músicos têm feito para driblar a dificuldade é um improviso em que conectam uma bateria de automóvel a um filtro de linha onde ligam os amplificadores e o que mais precise de energia. É um método que funciona bem, mas não é nem um pouco prático. Esta é uma informação potencialmente útil a alguma empresa do ramo que enxergue nessa situação uma tendência de demanda por caixas e amplificadores com autonomia – baterias internas recarregáveis diretamente na tomada por exemplo.

O transporte de todos os instrumentos e equipamentos é outro dos principais problemas relacionados à estrutura. A solução neste caso é o esforço físico mesmo. A maior parte dos artistas depende do transporte público e passam por desconforto para transportar estes volumes em ônibus e trens do metrô.

Um problema que afeta os artistas e qualquer outro habitante de nossa cidade é a falta de segurança pública. A banda Beach Combers sofreu com isso, eles foram vítimas

de um furto e perderam todos os instrumentos. Felizmente, algum tempo depois conseguiram recuperar o que haviam perdido. É comum que em lugares como o Largo do Machado e no Centro, menores em grupos mexam nos chapéus dos músicos quando estes não estão vigiando. Como a prevenção é o melhor remédio, o jeito encontrado pelos artistas é manter atenção total em todos os momentos.

Outra dificuldade, talvez mais séria, são os conflitos que eventualmente acontecem nas ruas. Os principais antagonistas dos músicos de rua são os lojistas ao redor e as autoridades, mas especificamente a SEOP – Secretaria de Ordem Pública, órgão do governo municipal responsável. Hoje a posição oficial da SEOP é o de respeito à Lei do Artista de Rua. Entretanto, caso haja alguma denúncia contra a apresentação, os guardas se dirigem ao artista e pedem que ele se retire do local. Tudo isso tem sido feito com bastante educação e respeito, é importante destacar, mas não deixa de ser uma agressão ao direito do artista de estar ali.

Em outras palavras, mesmo estando dentro de todas as normas, o artista corre o risco de ser removido do local onde se apresenta caso seja denunciado por um morador ou comerciante, por exemplo. Como os guardas têm adotado uma abordagem educada e humana, os artistas costumam optar por ceder e se transferem de lugar. É assim que tem sido na prática. A Praça São Salvador, cercada por prédios residenciais, é um ponto da cidade onde isso tem acontecido com certa frequência.

Os comerciantes são responsáveis por boa parte das denúncias, segundo os próprios músicos. Curiosamente, eles entendem que o grande movimento na porta de seus negócios é prejudicial. Ao invés de usarem a criatividade para explorar essa reunião de potenciais consumidores, preferem ver os artistas longe de seus estabelecimentos. É verdade que os denunciante são minoria absoluta e que a maioria dos lojistas não costumam ver problema na convivência com estes artistas urbanas. Pelo contrário, por vezes colaboram cedendo água e até mesmo energia elétrica.

Questões mais globais que também atrapalham a atividade diária desses músicos é a falta de incentivo do governo. Os entrevistados foram unânimes neste ponto. Muitos deles não souberam sugerir ações diretas da prefeitura que pudessem contribuir com a cena, é verdade, mas todos manifestaram insatisfação com a forma como essa relação é mantida hoje. A recente regulamentação é bem vista, mas ainda é necessário que agentes na rua e políticos estejam integrados e ajam de forma coerente.

Entre as reclamações figuram a falta de eventos e festivais voltados pros artistas de rua organizados ou apoiados pelo governo. Nos poucos eventos que existem hoje, muitos músicos que se apresentam diariamente nas ruas não conseguem vagas enquanto assistem artistas que não fazem parte do cotidiano da cidade ocuparem os palcos. Isso é muito mal visto entre a rede de músicos urbanos, que acaba rechaçando e se afastando da iniciativa. O que alguns entrevistados indicaram foi a intenção de participar de eventos em que já houvesse um cachê base definido. O que conseguissem de contribuição na hora, seria como um bônus. Assim eles teriam um apoio de renda ao mesmo tempo em que aumentariam seus públicos a cada apresentação nesses eventos – o que costuma acontecer em eventos onde grupos diferentes se apresentam, o público de um conhece o outro e assim por diante.

A última grande dificuldade, também relacionada com o distanciamento da prefeitura é a falta de um ponto especialmente designado para a prática da música de rua. Essa é uma reclamação de parte dos artistas, especialmente aqueles que não fazem questão de se apresentar sempre em locais diferentes e preferem fixar-se nos mais movimentados e rentáveis. O ideal, segundo eles, seria um ponto em calçada ou praça próximos a lugares que gerem movimento – como estações de metrô, pontos de ônibus, bares e restaurantes, comércio em geral – mas que reservem um espaço demarcado para a presença destes artistas. De preferência que haja espaço para vários artistas simultaneamente e que esteja disponível uma fonte de energia elétrica. Eles acreditam que este tipo de concentração favorece que eles se tornem mais conhecidos, mais próximos do público, e, conseqüentemente, para que a rentabilidade seja mais alta.

5 – DIAGNÓSTICO

Depois deste trabalho de pesquisa, podemos tirar algumas conclusões e formar algumas hipóteses sobre a cena da música de rua em nossa cidade. Analisando forças e fraquezas, potenciais benefícios à sociedade e o papel do Estado nesta evolução, é possível imaginar como este cenário pode evoluir no futuro próximo.

5.1 – Forças e fraquezas do movimento

Entre os pontos fracos da cena destaca-se a falta de comunicação entre os músicos. Embora os jovens se mostrem mais articulados e a internet, principalmente o Facebook, seja uma parceira recente, não seria correto dizer que esses artistas mantêm um diálogo constante e constituem uma classe articulada. É uma atividade imediata, onde cada um parece estar ocupado demais correndo atrás do seu próprio bem. Comparando-se esta situação com um passado não muito distante, porém, vemos uma clara evolução na comunicação entre estes artistas.

Algumas bandas, entretanto, estão sim conectadas. É o caso de Astro Venga e Beach Combers, Mindu e seus amigos. De eventos, encontros na rua e conhecidos em comum surgiu uma amizade, uma espécie de parceria. Hoje eles se mantêm próximos, apresentam-se nas mesmas casas e aprendem com a experiência do outro.

A falta de capital por si só não deveria ser um grande problema, já que a rua não exige grandes estruturas e costuma ser a melhor amiga dos improvisos e gambiarras. Acontece que quase a totalidade desses músicos de rua não vivem exclusivamente da atividade. Eles precisam de outras fontes de renda, seja em palcos e casas mais tradicionais, ou em empregos regulares fora da área. Essa característica dificulta a marcação de apresentações e o empenho total às ruas.

Um dos problemas mais sérios, embora não apareça com tanta regularidade é o descontentamento que alguns lojistas e comerciantes ainda sentem em ter um artista de rua próximo ao seu negócio. Alguns casos de remoção foram relatados durante as entrevistas, quase todos vinculados a denúncias destes comerciantes.

E, por fim, identifica-se uma dificuldade que ao mesmo tempo é oriunda e geradora dos problemas acima citados. A falta de diálogo com os governos e a ausência de força política. Não existe na prefeitura, por exemplo, qualquer registro de quem são

essas pessoas, muito menos de onde costumam se apresentar. O reconhecimento da cena por parte do Estado ajuda que outras organizações e indivíduos que compõem nossa sociedade vejam estes artistas com olhos mais respeitosos. Mais do que apoio direto, esta posição dos governantes serviria como exemplo e ajudaria a música de rua a ser mais valorizada por todos.

Felizmente o movimento apresenta mais forças do que fraquezas. A própria conjuntura econômica e social é o maior aliado destes artistas. O bom momento econômico do Brasil, em especial do Rio, aliado com a presença de eventos globais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas contribuem muito para o crescimento da cena. A presença de turistas é muito positiva. Além da rentabilidade direta, ela facilita o diálogo com as autoridades, que no momento aproveitam o que podem para apresentar uma cidade mais interessante aos nossos visitantes. E o que é melhor aos olhos de um turista, uma praça abandonada ou lotada de gente fazendo arte e se divertindo?

Tudo isso, junto com a boa posição do Real frente às outras moedas latino-americanas trouxe uma boa quantidade de músicos estrangeiros para o Rio. Os argentinos do Dominga Petrona, por exemplo, foram grandes incentivadores de bandas como Astro Venga e Beach Combers. O Bagunço! tem franceses em sua composição que agregam suas maneiras muito diferentes de pensar à rotina da banda. Cada uma dessas pessoas chegou aqui e trouxe uma experiência, uma perspectiva diferente. Já acostumados a se apresentarem nas ruas, eles contribuem muito na evolução de outros grupos pois servem como referência.

Outro ponto forte vem da própria natureza destes novos músicos de rua. Eles são jovens e carregam um grande potencial de inovação. Além de explorarem com certa sabedoria as mídias contemporâneas – leia-se internet e mídias sociais –, eles se organizam em rede. Entendem que a colaboração pode suprimir a concorrência e assim caminham com menos conflitos e mais aprendizados.

Tudo isso já seria incrível em qualquer contexto, mas quando pensamos nas recentes manifestações que eclodiram por todo território nacional vemos que esses jovens são mais do que moderninhos. Eles enxergam o mundo com outros olhos. Os jovens formaram a base desse grito de insatisfação e eles estavam lá, bem no olho do furacão. Aos seus olhos, a rua deixou de ser um espaço de ninguém para ser um espaço de todos. Há valor social naquele espaço e ele deve ser ocupado. Não é mais hora de esperar ajuda

de governo ou da iniciativa privada, mas sim de fazer com as próprias mãos. É a sociedade civil tentando aos poucos participar dos processos de decisão e transformação da realidade.

Mas talvez a maior força deste movimento seja a maturidade que alguns grupos já demonstram em suas relações com a rua. Cada um em seu nível, eles percebem que a rua tem suas especificidades e que eles precisam se encaixar para obter sucesso. Não dá para brigar com carros, ônibus, pessoas estressadas, lojistas, ambulantes... Definitivamente não há palcos na rua e você pode não ser o destaque daquela praça em meio a tanta pressa, *headphones* e celulares.

Aqui a banda Bagunço! merece grande destaque. É impressionante como eles aproveitam o público e os itens disponíveis na rua de maneira ímpar. Em uma das apresentações observadas o baterista Filipe Oliveira deixa seu instrumento em certo momento e começa a correr batucando tudo que encontra na frente. Postes, lixeiras, calotas de carros, canos que protegem canteiros, caixas acumuladas na calçada... Tudo vira som. Como se não fosse o bastante ele atravessa a rua e continua batendo em placas, latões e até no sinal de trânsito, enquanto isso a banda continuava tocando normalmente. Ainda do outro lado da rua ele interage com o pipoqueiro que o presenteia com grande saco de pipocas, ele então retorna ao ponto do show, distribui as pipocas entre a plateia e volta à sua bateria. Simplesmente fantástico como essa banda se apossa da rua e integra seus componentes naturais à apresentação.

Ainda na mesma apresentação, um grupo de meninos que pareciam morar nas ruas se aproximou. De sua bateria Filipe usou seu sorriso para aproximar os garotos. Logo um deles estava sentado em seu lugar tocando a bateria enquanto os outros observavam de perto e se embalavam com a melodia. Isso mostra maturidade e traz uma expectativa muito positiva! Eles entendem que a rua não é um palco e exploram isso de maneira extremamente criativa.

5.2 – Principais benefícios à sociedade

Uma praça só existe quando há alguém para aproveitá-la. O Rio de Janeiro é uma cidade repleta de espaços públicos como as orlas e seu calçadões, parques e praças. Mas muitos deles são subaproveitados, basta observar casos como do Aterro do Flamengo, Praça Paris, Praça da República e muitas outras pelo Centro da Cidade, completamente

abandonadas. A rua pode ser uma extensão da sua casa, mas também pode ser a representação do distanciamento e insegurança. Quando a rua não é ocupada pela sociedade, ela se torna um perigo. Passa a servir somente a automóveis, torna-se abrigo de usuários de drogas, de assaltos e violência. A recuperação destes espaços por si só já constitui grande benefício à sociedade e às autoridades.

Uma vez ocupados, estes espaços começam a gerar ainda mais efeitos positivos. Uma praça ocupada é mais viva e uma apresentação junta indivíduos que não estariam próximos em outro contexto. Assim surgem novas conexões, novos encontros, novas experiências. Seguindo a aglomeração inicial chegam outros atores como os ambulantes que fornecem comidas e bebidas, por exemplo. Logo, outros artistas adotam o lugar e a onda avança. Forma-se ali um valioso ecossistema que contribui para a geração de renda para artistas, ambulantes e demais envolvidos ao mesmo tempo que incrementa a experiência oferecida ao público.

Tudo isso pode ser aproveitado pelos moradores de nossa cidade, mas também pelos turistas e aí esbarra-se em mais um benefício. São Paulo é um exemplo de capital brasileira onde a Secretaria de Turismo dialoga com os artistas de rua, o que não soa nem um pouco estranho. Faz muito sentido que o órgão responsável por incentivar o turismo na cidade procure formas de torná-la mais interessante aos mais diversos tipos de visitantes. Observando-se a relação que turistas e músicos têm nas ruas de capitais europeias, por exemplo, os benefícios iminentes se tornam evidentes.

Um ponto mais lúdico e abstrato mais que também merece ser destacado é a capacidade de inspiração de um trabalho como esses. A interação dos “meninos de rua” com a banda Bagunço! deixou isso muito claro. A argentina Samantha Moreno também mencionou que um dos maiores motivos que a leva a tocar nas ruas é o sentimento de que ela pode inspirar alguém. Pode fazer uma diferença direta na vida da pessoa que a vê tocando. Essa inspiração pode ser apenas suficiente para fazer a pessoa continuar seu caminho um pouco mais feliz, ou até mesmo servir de incentivo para um novo músico em potencial. Por um sorriso a mais ou por novos artistas, novas formas de arte, a música contribui para uma cidade mais leve e alegre.

Mas certamente o maior benefício que a música de rua traz à sociedade é o fato de mostrar a todos que nós podemos modificar o espaço em que vivemos. Da desilusão com a política vem a certeza de que não é viável esperar que as autoridades espalhem arte

pelas ruas, controlem a frequência de professores em escolas públicas, fiscalize a qualidade do transporte público... Cada membro da sociedade é um ator nesse tabuleiro, todos têm poder de modificar diretamente sua realidade. Seja colocando sua banda na rua, seja contribuindo com uma doação. Muito além disso, cada um de nós pode organizar uma comissão comunitária para discutir, sugerir e cobrar melhorias nas escolas de nossos filhos, podemos denunciar por meio de aplicativos específicos motoristas que não respeitem os passageiros e ônibus sem condições de trafegar por nossas ruas. É o povo aprendendo que tem um poder além do voto, o poder da transformação direta.

5.3 – O papel do Estado no crescimento da música de rua

Mas como as autoridades podem contribuir para a cena de música urbana? Essa é uma pergunta que muitos dos músicos entrevistados não sabem responder, apesar de terem a certeza de que não há incentivos suficientes. Entre eles há os que acreditem que qualquer intervenção do governo é negativa, outros lamentam a falta de envolvimento dos políticos.

A Lei do Artista de Rua foi um grande passo, mas está longe de ser o suficiente. Não houve uma real aproximação entre artistas e governo, apenas uma validação de um direito que eles já tinham desde a constituição de 1988. O primeiro passo seria a abertura para o diálogo. Conhecer a situação desses músicos, suas dificuldades e reivindicações diretas é a base para qualquer outra iniciativa entre as partes. Hoje, como mencionado anteriormente, a Prefeitura não tem qualquer registro de quem são essas pessoas que se apresentam nas ruas, muito menos onde fazem suas performances. Um estudo no sentido de mapear essa cena e catalogar os artistas que a compõem seria positivo para ambas as partes. O governo ganha em informação, capacidade de inteligência para a identificação de oportunidades e antecipação de problemas enquanto se aproxima destes artistas.

A falta de pontos dedicados à música de rua é uma reclamação constante. Ao contrário de outras cidades pelo mundo, no Rio os artistas se espalham. A sugestão de pontos em praças e calçadas – com uma condição básica: bastante movimento – para as apresentações seria positivo. Os músicos relatam que dessa forma o público que costuma passar por ali se acostuma com a presença dos artistas, aos poucos isso se espalha pela cidade. A regularidade de espaço, em última instância, afeta diretamente a rentabilidade

da atividade, positivamente é claro. Para fins de exploração turística essa lógica também é interessante.

São Paulo, por exemplo, é uma cidade pioneira na conexão entre música de rua e secretaria de turismo. O site Artistas na Rua²⁵ se propõe justamente a fazer esse mapeamento da cena na cidade. Com notícias, agenda, mapa e perfis a plataforma convida artistas a se inscreverem por conta própria. Tudo feito com apoio da Prefeitura de São Paulo por meio da SPTuris²⁶. Graças a isso turistas, moradores da cidade, jornalistas e quaisquer outros interessados podem utilizar o site para encontrar um artista de rua se apresentando.

Ainda sobre pontos sugeridos para a prática da música de rua, é preciso cautela para que não se estimule a concentração. Em um primeiro momento é natural que os artistas se concentram nas zonas mais ricas da cidade, como o Centro e a zona sul. Mas como levar esse tipo de arte às zonas oeste e norte? Convites a músicos de rua com cachê pré-definido é a sugestão dos próprios músicos. As cifras não são altas, R\$300 ou R\$400 por apresentação já é suficiente para tornar a proposta interessante a estes artistas. Esse é um caminho no qual autoridades e músicos trabalham em conjunto pela democratização da música urbana no Rio. Em tempos de ocupações militares pela cidade, um pouco de arte pode vir a calhar!

²⁵ Disponível em: <http://www.artistasnarua.com.br/>. Acessado em: 14/05/2014.

²⁶ SPTuris é a empresa municipal de turismo e eventos que dá suporte à Secretaria Especial para Assuntos de Turismo da Prefeitura de São Paulo.

6 – CONCLUSÃO

Depois de toda essa pesquisa e análise é possível ter uma clara percepção dessa transformação em curso na cena da música de rua no Rio e no Brasil, tanto nos perfis dos artistas como na prática em si.

Enquanto alguns músicos ainda se mostram mais tímidos em suas apresentações, outros já alcançaram um grau mais elevado de maturidade nas suas relações com este espaço. A forte interação com público e com os elementos e objetos da rua comprovam essa ideia.

A ausência de intermediários e a horizontalidade própria de um espaço onde até o tradicional degrau hierárquico do palco é suprimido, faz com que todos – artistas e público – sejam participantes daquela manifestação. Todos no mesmo plano.

Para o crescimento e desenvolvimento desta cena é essencial que todos entendam que nós – cidadãos – somos capazes de modificar a realidade que nos cerca. Que o espaço público é de todos, e não de ninguém. Que a rua é a extensão da nossa casa e que é impossível alcançar a paz e felicidade dentro de bolhas que virtualmente nos afastam cada vez mais do próximo.

E se os cidadãos podem estar ajudando muito apenas modificando o olhar que têm sobre o espaço público e os artistas que ocupam às ruas, as autoridades podem fazer mais. Os músicos pedem que o governo abra um canal de diálogo entre as partes e que haja mais eventos e iniciativas patrocinadas pelo poder público com o objetivo de incentivar e espalhar esse tipo de arte por todas as zonas da cidade.

Esta pesquisa não para por aqui. O próximo passo é cultivar uma comunidade online que una músicos de rua, músicos interessados em estarem nas ruas, público, autoridades etc. O objetivo é validar essa ideia e futuramente desenvolver um website/aplicativo para *smartphones* no qual público e músicos de rua estão sempre conectados. Por esta plataforma qualquer habitante da cidade poderá conhecer esses artistas e ser avisado sempre que houver uma apresentação de seus favoritos, no caminho que faz diariamente para o trabalho e até mesmo fazer doações online. Tudo pensado para não modificar a lógica inerente à atividade: espontaneidade e horizontalidade devem ser mantidas sempre.

Tanto com esta pesquisa, como com a plataforma digital que pode vir a existir a motivação é trazer mais arte à nossa cidade, mais dignidade ao cotidiano destes artistas e promover cada vez mais encontros entre pessoas. Mais encontros geram mais sentimentos, mais histórias, mais negócios. Mais encontros conectam as pessoas que compõem nossa comunidade. Mais encontros, em última instância, geram mais felicidade. Sejam felizes!

7 – BIBLIOGRAFIA

Artigos e livros:

VELHO, Gilberto. *A Utopia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

GARCIA, NEIVA Rosa. “*Espetáculos de Rua*”: manifestações culturais no Largo Glênio Peres e no Brique da Redenção na cidade de Porto Alegre/RS. REVISTA ILUMINURAS, ed. 12, outubro, 2005. p. 1-24.

TELLES, Narciso; CARNEIRO, Ana (org). *Teatro de Rua: olhares e perspectivas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. *História & música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002. 120p. (Coleção História &... Reflexões, 2)

VELLOSO, M. P. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Os Espetáculos de Rua do Largo da Carioca*. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1997.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. “*O Diabo e o riso na cultura popular*” in Enfoques, Revista Eletrônica dos Alunos do PPGSA da UFRJ, v.3. no. 1, março de 2004.

MARTINS, A. *Arthur Azevedo: a palavra e o riso*. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. Coleção Estudos; v 07.

HOBSBAWN, E. J. *História Social do Jazz*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990.

Leis e constituições:

Lei do Artista de Rua de São Paulo. Disponível em:

http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=30052013L+157760000. Acessado em: 19/05/2014.

Constituição Brasileira de 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acessado em: 19/05/2014.

Lei do Artista de Rua do Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/67120c4c1ae54a6603257a14006d2b1d?OpenDocument>. Acessado em: 19/05/2014.

Carta de veto do Prefeito Eduardo Paes ao Projeto de Lei nº 931/2011. Disponível em:

<http://meu-rio.tumblr.com/post/22392557354/artistas-de-rua>. Acessado em: 19/05/2014.

Websites:

STREET Performance. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2014.

Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Street_performance. Acessado em: 19/05/2014.

Origem da arte de rua. Artistas na rua. Disponível em:

<http://www.artistasnarua.com.br/textos/origem-da-arte-de-rua>. Acessado em: 19/05/2014.

JANDIRA FLAESCHEN. A Origem do Samba. Disponível em:
<http://museuhoje.com/app/v1/br/historia/72-a-origem-do-samba>. Acessado em:
19/05/2014.

AEDO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2014. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aedo>. Acessado em: 19/05/2014.

“Prefeitura sanciona lei que limita atuação de artistas de rua até às 22h”. G1 São Paulo.
Publicado em: 04/06/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/prefeitura-sanciona-lei-que-limita-atuacao-de-artistas-de-rua-ate-22h.html>. Acessado em: 19/05/2014.

8 – ANEXOS

8.1 – Anexo I: fotos

Fotos produzidas durante as visitas de campo feitas para esta pesquisa em diferentes bairros da zona sul, norte e Centro do Rio de Janeiro.



Foto 1: Sergio Bap em seu tradicional ponto, no Largo da Carioca.

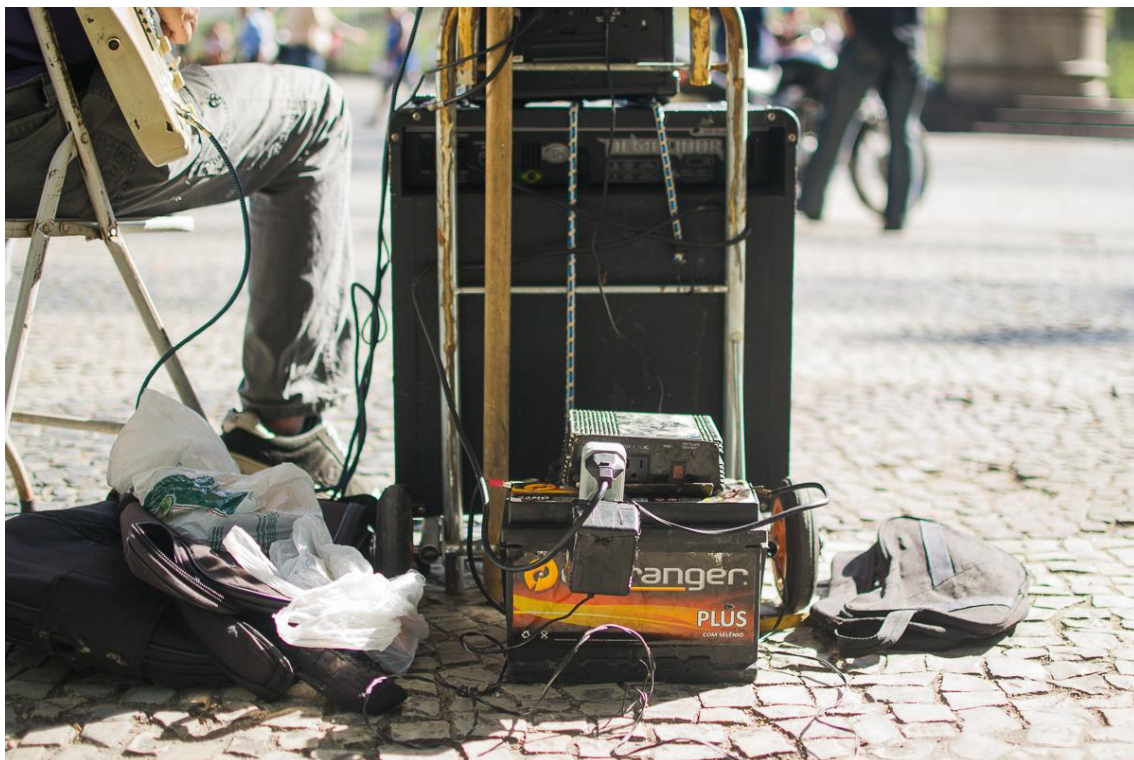


Foto 2: A energia que dá voz à sua guitarra



Foto 3: De passagem, o argentino Pierri toca o trombone nas ruas de Ipanema.



Foto 3: A experiência de Maza e sua guitarra na Rua do Catete



Foto 4: Samantha também é argentina e costuma fazer parcerias com Pierri.



Foto 5: As crianças ficam hipnotizadas com o som dos instrumentos quebrando a rotina.



Foto 6: Ainda no início, a banda Jangada se apresentava na Praça General Osório.



Foto 7: O ponto escolhido pelos músicos fica próximo a pontos de ônibus e do metrô.



Foto 8: Banda e ponto de ônibus são quase que uma coisa só.



Foto 9: Astro Venga e seu *rock'n'roll* sacudindo o Largo do Machado .



Foto 10: A estrutura é simples, porém eficiente.



Foto 11: Pessoas e até moradores de rua curtem as apresentações.



Foto 12: Mais uma vez os músicos aproveitam a saída do metrô, desta vez no Largo do Machado.



Foto 13: Os Beach Combers sempre se apresentam com o mesmo figurino.



Foto 14: Famílias inteiras param para se divertir com os músicos.



Foto 15: A igreja ao fundo faz o cenário do show ainda mais espetacular.



Foto 16: E as vezes o rendimento no final é melhor do que o esperado.



Foto 17: O francês Clement, do Bagunço!, se destaca animação.



Foto 18: Muita gente para seu caminho diante da alegria do Bagunço!



Foto 19: Todos os músicos que compõem o Bagunço!.



Foto 20: Momento em que meninos de rua participam da apresentação do Bagunço!, citado no texto.